BIOG.

Separata do volume I do III Congresso Nacional de Medicina
Lisboa, 1928

UM CÉLEBRE MÉDICO PORTUGUÊS

(JOÃO BAPTISTA SILVA)

CONFERÊNCIA PROFERIDA EM SESSÃO PLENÁRIA DE 30 DE ABRIL DE 1928

POR

AUGUSTO DA SILVA CARVALHO

LISBOA • IMPRENSA NACIONAL • 1928

2-873

Ao meu amigo Dr. Guimarães Ratola

Off. J. Carvalho

879³

Hyacinthe Rigaud pinx.
Piquet sculp
JEAN BAPTISTE SILVA
Ecuyer Docteur en Medecine de la Faculte de Montpellier,
Docteur Regent de la Faculte en l'Universite de Paris,
Medecin consultant du Roy et de S. A. S. Monseigr.
le Prince de Conde. Ne a Bourdeaux le 13. Janvier
1682. Decede a Paris le 19. Aoust 1742.
Paris chez Odieuvre, Md d'Estampes rue des Postes cul sac des Vignes.

Separata do volume I do III Congresso Nacional de Medicina
Lisboa, 1928

UM CÉLEBRE MÉDICO PORTUGUÊS

(JOÃO BAPTISTA SILVA)

CONFERÊNCIA PROFERIDA EM SESSÃO PLENÁRIA DE 30 DE ABRIL DE 1928

POR

AUGUSTO DA SILVA CARVALHO

LISBOA * IMPRENSA NACIONAL * 1928

SILVA, João Baptista [1682-1742]

32.12.14

WELLCOME LIBRARY INSTITUTE

AMERICAN ROOM

Quando os judeus ou os cristãos novos pretendiam escapar-se às garras da Inquisição, a fuga de Portugal podia fazer-se pela raia húmida ou pela raia sêca, mas esta era muito mais perigosa. A não ser que o fugitivo fôsse só e que aproveitasse a época das feiras para ir de uma para outra, como se fôsse a tratar do seu negócio, e que tivesse em Espanha parentes e correligionários muito íntimos que o amparassem e guiassem, fugir pela fronteira era quási com certeza dispor-se a ser preso e entregue ao Santo Ofício. Quando uma família, acompanhada de pesadas e volumosas bagagens (*a*) (em regra não eram os miseráveis que fugiam), abandonava a sua terra, as suspeitas acendiam-se, principalmente se a viam tomar o caminho de Espanha, e era preciso contar com a discrição dos que alugavam as cavalgaduras necessárias, dos estalajadeiros das povoações que atravessavam, dos familiares da Inquisição que era preciso cruzar no longo e demorado caminho a percorrer. E passada a fronteira, o perigo, embora deminuísse um pouco, persistia durante as semanas necessárias para chegar a França ou para ganhar um pôrto.

De maneira que era sobretudo por mar que as famílias dos judeus tentavam emigrar. Do Algarve era relativamente fácil atravessar o Guadiana, sair num barco de pesca ou num dos caíques de cabotagem que navegavam para Marrocos, mas atravessar o baixo Alentejo, passar a serra e chegar ao Algarve era tarefa demorada e cheia de riscos de toda a ordem. Por isso a saída fazia-se principalmente por Viana, Pôrto, Aveiro e ainda mais por

---

(*a*) Numas curiosas cartas, que um médico, José da Silva, de Viana do Minho, que pretextando negócios obtivera uma licença para estar ausente de Portugal quatro anos, escrevia de França e que foram parar ao Santo Ofício, se louvava S. João de Luz e outras terras de França, Paris, Rouen, Bordéus, etc., para os judeus habitarem e se lhes aconselhava que na fuga não levassem bagagem, mas sim dinheiro em patacas e que a melhor ocasião era a primavera.

Lisboa. Mesmo os que residiam no norte do País à beira-mar tinham mais dificuldade em embarcar clandestinamente na sua terra, onde eram conhecidos de toda a gente, do que em vir para a capital, onde, confundidos na multidão e tendo à sua disposição a longa extensão dos cais e embarcadouros, podiam com relativa facilidade transportar-se para bordo.

Referindo-se a 1689, ano em que esteve em Lisboa, conta o Conde de FORBIN uma destas fugas nos seguintes termos (*a*):

«... *le Marchand*... vint me trouver pour me dire que si je voulois prendre avec la Chaloupe du Roi, une Famille Juive qui se trouveroit sur les dix heures du soir à l'endroit qui me seroit indiqué, ou me feroit présent de deux cents pistoles; à condition toute fois qu'elle seroit reçue au moins pour deux jours, sur le Vaisseau du Roy, au bout desquels elle devoit être embarquée sur un petit Vaisseau Marchand, qui faisoit route sur Bordeaux.

«La Famille Juive arriva un moment après, elle étoit composée du Père, de la Mère, d'un petit Garçon, & d'une jeune Fille assez bien faite: Nous les embarquâmes, je leur demandai les raisons qu'ils avoient de se sauver; ils me répondirent qu'ils étoient poursuivis par l'inquisition, & que s'ils étoient pris ils couroient risque d'être brulés vifs. Le Père me conta les deux cent Pistoles dont nous étions convenus, & je conduisis mes gens dans le Vaisseau, où après le terme arrêté, ils s'embarquerent pour Bourdeaux».

Nem sempre estas tentativas realizadas em Lisboa surtiam bom efeito e disso é bom exemplo a dramática narrativa do que sucedeu a um médico, LOPES JÚNIOR, de Vila do Conde, que com a família se dirigiu à capital, onde tratou com um barqueiro que os levasse a bordo de um navio mercante, que no Tejo se aprestava para partir para França. Uma denúncia determinou a prisão de toda a família e aos desgraçados, que levavam consigo pesada bagagem onde avultavam grandes panelas com comida para muitos dias, não lhes valeu o alegarem que, se pretendiam embarcar, era simplesmente para irem em romaria a Nossa Senhora de Carnaxide.

*

Saindo de Portugal os fugitivos dirigiam-se poucos para a América do Norte e do Sul, onde as inquisições do México, Lima e Cartagena os não deixavam em sossêgo, alguns para Inglaterra, outros para Marrocos e para o Oriente, muitos para os Países-Baixos, onde eram acolhidos pela mais ampla liberdade, e para Itália desde Nápoles, Bolonha, Veneza, Ferrara até a sede do papado, encontrando em Roma grandes facilidades e não só tolerância, como protecção. Espalhavam-se pelo norte da Alemanha e pela França. De ma-

---

(*a*) *Mémoires du Comte de Forbin* — Amsterdam, 1740.

neira que em pouco tempo em Antuérpia, Amsterdam e Hamburgo, Nápoles e Veneza, Salónica e Constantinopla, Fez, Tlemcen, Algéria e Tunis, Cairo e Alexandria, Jerusalém e Safed, Damasco e Smirna, desde o Mediterrâneo e mar do Levante até ao mar do Norte, assim como na América Continental e insular, formaram-se colónias judaicas florescentes onde a língua portuguesa era entendida e falada e penetrava sobretudo no meio comercial de todos êsses países.

Mas o país que recebeu talvez maior número de fugitivos foi a França, onde desde a Provença até o Norte, em Marselha, Montpellier, Lião, Nantes, Rouen, Paris e principalmente em toda a costa, desde Baiona até Bordeus, os emigrados portugueses se estabeleceram e prosperaram (*História dos Cristãos Novos Portugueses* por J. Lúcio de Azevedo, *Os judeus no Brasil* por Solidónio Leite Filho, *Geschiedenis der Portugeeschs Joden te Amsterdam* por J. S. da Silva Rosa e *A History of the Jewish People* por M. L. Margolis e A. Marx).

De longa data houve numerosos judeus portugueses estabelecidos no sudoeste da França, mas fixados sobretudo em Bordéus (*a*).

Em *The Jewish Encyclopedia* diz-se com referência ao fim do século XV:

«Entre as familias judias (mercadores portugueses, como eram então designados) que viviam em Bordeus n'esta epocha contavam-se os Granolhas, Ram, Tarregua, Milanges, Lusana e Lopés ou Louppes. Como medicos, jurisconsultos e estudantes estes estrangeiros exerceram tal influencia na vida da comunidade, que os jurados e o Parlamento patrocinaram o seu registo como residentes e muitas vezes os defenderam dos ataques.

«Em 1636 um recenseamento acusou em Bordeus 36 familias com 167 pessoas, alem de 93 pobres».

Simulavam então viver como católicos. Por uma ordem do conselho de 9 de Agosto de 1662 muitos dêles obtiveram os direitos de cidadãos de Bordéus. As famílias mais importantes eram então os Álvares, Cardosos, Cisneros, Costas, Dias, Lacoste-Furtados, Lopes, Machados, Mendes, Mouras, Oliveiras e Saspostas, que continuaram a viver como convertidos.

Em 1550 Henrique II concedeu aos judeus portugueses e outros sob a denominação de cristãos novos cartas patentes para negociar, adquirir bens móveis ou imóveis, herdar, receber por doação

---

(*a*) «Au milieu du XV siècle, on rencontre des Espagnols et des Portugais installés dans nos cités commerçants: les uns habitant Bordeaux, La Rochelle, Nantes et Rouen; d'autres étaient établis à Marseille, Narbonne, Montpellier et même à Troyes, où ils avaient été attirés par l'importance commerciale des foires de Champagne». (J. Mathorez, *Bulletin Hispanique,* t. XVI. 1914, p. 340).

«Henri IV reprit donc à l'égard des néo-chrétiens, des arrivants et des Portugais la politique de ses prédécesseurs: il les protegea et les favorisa. Forts de l'appui royal, les Portugais émigrérent en France en nombre plus important que par le passé. Bordeaux, Nantes et Rouen recueillirent ces nouveaux arrivants». (*Ibid., Bulletin Hispanique,* t. XVI, p. 351).

e testar. HENRIQUE III concedeu-lhes os mesmos privilégios em 12 de Novembro de 1571.

Em 1596 e 1597 foram acusados os portugueses de inteligência com os inimigos para lhes entregarem Bordéus e em Janeiro de 1597 houve ordem para que os portugueses ali residentes havia mais de dez anos saíssem da rua Bouhaut e viessem residir para o centro da cidade e aos que aí estavam apenas havia cinco anos que saíssem para fora desta.

Um édito do marechal D'OURANO de 2 de Janeiro de 1504 protege os judeus portugueses contra a perseguição de que eram alvo. DETCHEVERRY refere um assassinato de um português e as denúncias que entre os judeus de Portugal se repetiam no século XVI. No princípio do século seguinte estes tinham adquirido grandes riquezas e conseguido privilégios importantes.

Em 23 de Abril de 1615 houve um édito real mandando sair de França todos os judeus, apesar da influência em contrário que exerceu o médico ELIAS DE MONTALTO, mas parece que os judeus de Bordéus não foram atingidos por esta ordem.

Mais tarde, em 1668, conseguiram cartas de burguesia.

Em 1617, JOSÉ DA SILVA, cristão novo que estudou medicina em Coimbra e em Salamanca, onde se formou, e que depois foi exercer clínica para Viana do Castelo, andando envolvido em várias demandas, pediu e obteve licença para passar com a família a Castela com o pretexto de ir tratar de um pleito. Dirigiu-se por terra a Valladolid e daí a Bordéus, de onde mais tarde saíu para Pisa (*a*).

Há uma lista (*b*) (*Rôle*) dos portugueses que habitavam Bordéus em 4 de Dezembro de 1636 feita por SEBASTIÃO DIAS, doutor médico e ANTÓNIO HENRIQUES DE MORA, negociante, em que figuram:

MANUEL OLIVEIRA, doutor regente com uma filha e sobrinha, morando na rue Bouhaut;

SEBASTIÃO DIAS, médico jurado, nascido em França, com mulher, dois filhos, mãe e dois irmãos, na mesma rua;

SEBASTIÃO SILVA e mulher, morando no Mirail; e

ANTÓNIO ÁLVARES SILVA, mulher, filha e dois filhos, lembrando estes dois últimos pelo apelido o médico SILVA que ali houve.

Vê-se pois que antes do meado do século XVII já havia em Bordéus judeus portugueses do apelido SILVA.

Uma destas famílias era a dos SILVAS (*c*), de onde provieram CHISKIJA DA SILVA, JOSUÉ DA SILVA, os médicos FRANCISCO MALDONADO DA SILVA e SAMUEL DA SILVA, o último dos quais fugiu para Amsterdam e publicou o *Tratado da imortalidade da alma* em 1623.

É possível que ainda do mesmo tronco proviessem israelitas do mesmo apelido, DAVID DA SILVA, DAVID GOMES DA SILVA, DAVID

(*a*) *Caderno de Promotores do Santo Oficio* n.º 15 e *Processo da Inquisição de Lisboa* n.º 795 no Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo.

(*b*) *Histoire des Israelites de Bordeaux* par A. DE DETCHEVERRY, Archiviste de la Mairie de Bordeaux.—Bordéus, 1850.

(*c*) CARMOLY, *Histoire des médecins juifs anciens et modernes.* — Bruxelles, 1844.

Manuel da Silva, José Gomes da Silva, Menasseh David da Silva, Yshac da Silva e o médico Zacharias da Silva, todos de Amsterdam e talvez os Silvas, de Liorne (Manuel Calvo), de Londres (Yeosua) e de Veneza (Rafael Selomoh) (*a*).

*

Gaspar Fernandes Marques, natural de Vila Viçosa, homem de negócios, que casara em França e vivia em Bordéus, foi preso pela Inquisição de Lisboa em 15 de Abril de 1684 e entre outras denúncias que os tormentos lhe arrancaram figurava a seguinte (*b*): que cêrca de 1675 em Bordéus em casa de Bráś da Costa, mercador, se achou «com Pedro Gomes Sylva, mercador pay da ditta Ignez da Sylva (mulher do Brás da Costa), natural da Villa de Estremoz e com Violante Lopez molher deste, natural da Villa de Fronteira pays da dita Ignez da Sylva, e com dous filhos deste, chamados Francisco da Sylva medico cazado com huma christan nova, cujo nome lhe esqueceu, e Pedro Gomes Sylva mercador, casado com Leonor Gomes sua prima christãos novos, naturais de Montemor o novo e com Manoel da Costa irmão do dito Bras da Costa, mercador, casado com Branca Gomes christan nova, não sabe donde he natural, todos christois novos e moradores na ditta Cidade de Bordeos e estando todos oito por occasião de fallarem na crença da Ley de Moyses em que ordinariamente falla na escritura sagrada que estes tinhão em sua casa em lingoa hespanhola, se declararão e derão conta a elle confitente . . . como crião e vivião na Ley de Moyses para salvação de suas almas . . .».

Vejamos que vida teve êste Francisco Silva, natural de Estremoz e filho do mercador Pedro Gomes Silva e de Violante Lopes. Sabe-se (*c*) que estudou em Montpellier e depois em 26 de Abril de 1675 se apresentou em Bordéus pedindo para ingressar no corpo dos médicos jurados. Só foi recebido em 16 de Novembro de 1678, sendo nomeado médico no ano seguinte, em que a 19 de Novembro, na vaga deixada por morte de Galatheau, foi nomeado médico ordinário da cidade. Ficou exercendo êste cargo até 1687, ano em que a 5 de Março foi demitido por ser estrangeiro e substituído por Beaugeard. Nem por isto ficou inimigo de Beaugeard, porque lhe devia o favor de o ter tido por defensor quando em 1683 alguns dos médicos jurados de Bordéus o quiseram irradiar do seu grémio.

Tendo falecido em 8 de Dezembro de 1701 o antigo professor da Faculdade de Medicina de Bordéus Marco António Modèry, apareceram vários concorrentes, entre os quais o nosso Silva. Rumorejou-se que era judeu, o que era razão bastante para ser excluído

---

(*a*) *Biblioteca Española-Portuguesa-Judaica* por Kayserling.

(*b*) *Processo da Inquisição de Lisboa* n.º 2:336 no Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo.

(*c*) O que segue é tirado da *Histoire de la Faculté de Médecine de Bordeaux* pelo Dr. G. Pery — Paris, 1888.

do concurso e começou a tal respeito uma polémica por cartas entre o Chanceler do Pontchartoain, o Arcebispo de Bordéus e o Presidente do Parlamento, M. DE LA TRESNE. Esta correspondência que fui ver no original à colecção de documentos reünida por DEPPRING, com o título *Correspondance administrative sous Louis XIV*, é muito curiosa e demonstra a importância que tinha adquirido o nosso compatriota em Bordéus. Se ela não fôra, pronunciada a bem fundamentada suspeita de ser o candidato judeu, teria logo sido eliminado e não mais se falaria em tal. Mas não aconteceu assim. SILVA teve artes de fazer que o Parlamento de Bordéus intimasse a Faculdade a admiti-lo, visto que apresentou um atestado do cura de que êle era católico. Mas o Arcebispo não se conformou, entre outras razões porque entendia que o atestado, para ser válido, tinha de ser legalizado por êle. O Chanceler não concordou com o Arcebispo e a êste e ao Presidente do Parlamento pediu que se entendessem de modo a elucidar por qualquér forma a questão.

Mas o Arcebispo exigiu que SILVA declarasse que renunciava a toda a religião contrária ao catolicismo e que detestava em especial o judaísmo.

Na carta do conde de PONTCHARTRAIN e de la TRESNE, primeiro Presidente do Parlamento de Bordéus, de 30 de Setembro, aquele declarou aprovar muito o expediente lembrado pelo Arcebispo de obrigar SILVA a fazer estas declarações categóricas. Só a recusa a esta exigência lhe parecia causa bastante para excluir para sempre SILVA do concurso «rien etant plus suspect, pour ne rien dire de plus, que ces sortes de chicanes en matière de religion, où l'on doit toujours agir de bonne foy, et où tout est à craindre, lorsqu'on a recours à des réserves et à des restrictions».

Parece que as declarações peremptórias não foram feitas, porque o resultado foi ser excluído SILVA e nomeado para a vaga disputada MARCO ANTÓNIO MODÈRY, filho.

Em 1713, SILVA com outros médicos não professores, fez parte do júri de concurso para outra vaga.

Em 1716 era SILVA o sub-decano dos médicos jurados, continuava a fazer parte do júri dos concursos e a ser escolhido por forma a ver-se bem a consideração em que era tido.

Em 1720 era o decano do colégio dos médicos e dirigiu a DODART, o primeiro médico do rei, uma carta queixando-se dos abusos cometidos pelos cirurgiões na prática da medicina e na administração dos remédios.

Deve ter morrido depois de 1725, porque se sabe que exerceu clínica durante mais de sessenta anos.

Êste médico teve entre outros um filho, JOÃO BAPTISTA SILVA (*a*), que nasceu em Bordéus a 13 de Janeiro de 1682. JOÃO BAPTISTA tinha

---

(*a*) Havia em Portugal no reinado de D. João V muitas pessoas com o mesmo nome. Além de um cirurgião natural de Lisboa que teve carta em 1746, eram conhecidos um juiz de fora em Lagos, um inquiridor e distribuídor do juízo na India e Mina, um padre e um juiz de fora de Castelo Branco. Foi um

dezanove anos quando no mês de Fevereiro de 1702 recebeu o grau de doutor em medicina na Universidade de Montpellier. Aí foi discípulo de CHIRAC, que, passando para a Universidade de Paris, deve ter tido alguma influência nos sucessos que SILVA obteve na sua carreira. SILVA não quis ficar em Bordéus e dirigiu-se a Paris, onde procurou e obteve a protecção do médico HELVETIUS (*a*), que começou a introduzi-lo na sua clientela. SILVA tinha-se ido alojar em casa de um boticário célebre para melhor estudar clínica, farmácia e matéria médica.

Compôs neste tempo uma obra anónima, que se diz ter tido grande êxito, mas cujo nome nunca quis revelar nem aos mais íntimos. Mas não foi só êste o produto dêsses primeiros anos de trabalho. O boticário tinha um filho que contra a vontade do pai não tinha o menor gôsto pelo estudo da farmácia. SILVA lembrou-se de escrever uma obra literária que saíu anónima e que fez constar ser do filho do boticário, o que lisonjeou muito êste e ao mesmo tempo lhe explicou a falta de amor pela continuação de carreira de farmácia.

Quando saíu de casa do boticário, SILVA tomou uns quartos na casa de PREVOST, procurador no Chatelet. Em casa dêste adoeceu um hóspede de uma pleurisia, foi chamado SILVA que o curou e assim se estabeleceram relações com a família PREVOST, onde SILVA encontrou na filha do procurador a mulher desejada para espôsa. Preguntando-lhe o pai «com que contava para o dote da noiva», respondeu-lhe sem se desconcertar: «sur les brouillards de la Seine». Apesar do incerto e vago desta resposta foi-lhe concedida a mão da menina, que depois lhe devia dar tanto que fazer, e o casamento realizou-se em 1710. Chamava-se a mulher do SILVA Maria Madalena Prevost e veio a morrer em 1733.

Resolveu então habilitar-se legalmente para exercer clínica em Paris, para o que não bastava o grau de Montpellier. Matriculou-se na Faculdade de Paris e recebeu o grau de doutor no fim da licenciatura em 1712. Para êsse fim defendeu em Paris em 1710 a tese *An vis liquidorum à salibus?* presidida pelo Dr. J. B. MOUGIN, no ano seguinte *An acido variolorum eruptioni noxia?* sob a presidência do Dr. F. POUSSE e em 1712 *An senibus The?* sob a presidência do Dr. J. DAVAL, em que aconselhava aos velhos o uso do chá (*b*). Na mesma ocasião defendeu tese ANTÓNIO DE JUSSIEU (*c*).

---

dêstes que escreveu o epigrama latino em louvor de JOSÉ DA SILVA FERNANDES que vem no seu *Discurso Apologetico Cirurgico-Medico.*—Lisboa, 1729. (*Chancelaria de D. João V* no Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo).

(*a*) LA METTRIE refere que HELVETIUS recolheu em sua casa a SILVA quando êste veio para Paris, com o fim de lhe aproveitar o préstimo, visto que êste conhecia muito bem os termos scientíficos, tinha cultura literária, grande conhecimento das línguas grega e latina, tudo predicados que faltavam a HELVETIUS. Ocupava-o êste a escrever receitas e a redigir respostas a consultas, que de toda a parte afluíam ao explorador do segrêdo da ipecacuanha e por todo êste trabalho lhe dava vinte *soldos* por dia. (*Supplément à l'Ouvrage de Penelope*, p. 237).

(*b*) Esta tese foi impressa em Paris por Magnet em 1712. 4.º de 4 páginas.

(*c*) *Histoire de la These* de Melle Ana Delage, p. 84.

Entre outras presidiu a 19 de Janeiro de 1713 à tese *An seminis virilis aura cum sanguine mulieri promiscetur in conceptio?* (*a*) à de ANTÓNIO FERREIN em 1737 e à de MIGUEL FILIPE BOUVART no ano seguinte.

Ainda em 1712 a 15 de Novembro apresentou a tese *An Medecina inter exteras Artes proestantissima haberi debet? Asciti Balnœo opitulatur?* e para o doutoramento defendeu a 21 do mesmo mês *An Generatio, opus Triturae? Fermentationis?* e no ano seguinte a 18 de Janeiro *An Supressionis Menstruorum, in gravidis causa Sanguinis lentis? Placenta utero adheris?*

SILVA tinha tratado com êxito, de uma paixão ilíaca sobrevindo no puerpério, uma doente que tinha uma enfermeira que, estando mais tarde junto da mulher do então ilustre pintor FONTAINE e vendo que com o tratamento dos melhores clínicos ela não melhorava da mesma doença em que se mostrara tam hábil o médico SILVA, tanto fez que conseguiu que fôsse chamado o médico novo e sem nomeada, que ainda desta vez foi feliz e tanto, que tendo pouco depois adoecido gravemente o duque de BEAUVILLIER em Arras, foi mandado de Paris para o tratar. Quando chegou, o doente estava sem sentidos e tam grave que os principais médicos reünidos em volta dêle o davam por perdido. SILVA propõe a sangria do pé, ao que se opõem todos, cedendo apenas depois de larga discussão ao ser invocado o nome de CELSO, quando diz que perante a morte certa não se deve pôr de parte um remédio incerto. Faz-se a sangria, e ainda ela corria quando o doente volta a si. Repete-se a operação e pouco depois o doente é dado como curado e SILVA volta para Paris nas asas da fama e em pouco tempo adquiria grande clientela.

Houve em 1720 uma luta (*b*) muito renhida entre o Colégio dos Médicos de Bordéus e um médico, SERIS, que valendo-se de uma promessa do rei pretendeu ser provido numa cadeira vaga sem se submeter a nenhum exame. Lembraram-se os médicos do Colégio de recorrer a DODART, que então era o primeiro médico de LUÍS XV. Para isto valeram-se do empenho do pai de SILVA e mais ainda dêste, que era amigo de DODART. Obtiveram o que queriam, que SERIS antes de ajuramentado fizesse um exame de prática. Em reconhecimento desta vitória os médicos de Bordéus inscreveram no registo do Colégio o testemunho de gratidão a JOÃO BAPTISTA SILVA.

Durante a epidemia que em 1720 trouxe a Marselha um barco vindo da Síria e que durou até 1722 devastando o sul e o centro da França, o susto foi grande na côrte e em 1721 por ordem do rei reüniram-se os principais médicos parisienses para serem consultados sôbre as medidas a adoptar contra o flagelo e um dos chamados foi o Dr. SILVA.

(*a*) *Qœstionum medicorum quœ series medicina theoriam et praxim, ante duo secula, in scholis facultatis medicinœ Parisiensis agitati sunt, series chronologica, cum doctorum prœsidium et baccalaureorum nominibus.*— Paris, 1752.

(*b*) Vide *Histoire de la Faculté de Médecine de Bordeaux* pelo Dr. G. PERY.— Paris, 1888.

No primeiro quartel do século XVIII grassava em Bordéus e região circunvizinha uma doença nervosa caracterizada por comichões, epidémica e contagiosa. Perante a incapacidade dos médicos da terra para debelar êste flagelo que revolucionava a cidade, recorreu-se a JOÃO BAPTISTA SILVA, cuja fama nascente em Paris já dera brado na sua pátria. Chegou, observou muitos atacados do mal, não prescreveu nenhum remédio e com um ar extremamente grave ficou mergulhado em profunda cogitação, de que apenas saíu para confiar em segrêdo a um falador emérito, dêstes que são bem escolhidos para espalhar boatos: «esta doença não é uma afecção nervosa, é o mal caduco». E partiu para Paris. A confidência de SILVA foi espalhada por toda a cidade e logo a seguir a sugestão exercida pela sua atitude e as suas palavras foram o bastante para extinguir como por encanto aquela epidemia de histerismo (*a*).

Quando em 1721 Luís XV, apenas com onze anos, adoeceu gravemente, correndo boatos de que estava envenenado, toda a côrte estava em grande alarme, e o duque de BOURBON e o marechal de VILLEROY ficavam no quarto do doente com o primeiro médico DODART (*b*). Como o estado do enfêrmo inspirasse muitos cuidados reüniu-se uma conferência a que foram chamados, além do assistente, BONDIN, HELVETIUS, THEVET e FALCONET pai, que decidiram mandar sangrar o rei nessa tarde; MARÉCHAL executa a sangria, mas como a febre não cedesse, os mesmos médicos, com MARÉCHAL e LA PEYRONIE, reúnem-se novamente às dez da noite e HELVETIUS propõe que se faça a sangria no pé, os outros conferentes não aplaudem êste parecer e MARÉCHAL declara que se houvesse apenas uma lancêta em França a quebraria para não executar esta ordem. Apesar desta opinião sangrou-se a criança no pé e a noite foi muito melhor. Na manhã seguinte vieram os mesmos médicos e mais BURLET, FALCONET filho, MOLIN e SILVA, que prescreveram uma purga. Diz-se que foi desde êste momento que o médico português, impressionado pela indicação do seu protector HELVETIUS e pelo magnífico resultado obtido, começou a defender entusiàsticamente a sangria da pediosa.

BRUHIER diz que isto se passou com HELVETIUS e que só no dia seguinte SILVA foi chamado (*c*). Esta afirmação deve ser errónea, porque se sabe que o Colégio dos Médicos de Bordéus foi felicitado nesta ocasião pelo médico do rei pela parte que um dos sens discípulos, JOÃO BAPTISTA SILVA, tinha tomado na cura de Luís XV, o que o mesmo Colégio arquivou no seu registo (*d*).

Pouco depois em 1723 grassava em Paris uma epidemia de varíola muito mortífera. SILVA ia sangrando sempre e alguns dos seus doentes da melhor roda morreram. Os seus inimigos publicaram estes desastres, aumentando-os, e daqui veio DODART, então o primeiro mé-

---

(*a*) *Les anciens médecins et chirurgiens bordelais* pelo Dr. DURODIÉ, na *Gazette Hebdomadarie des sciences médicales* de 1920.

(*b*) *Mémoires du duc de Saint-Simon*, t. XVIII, p. 180.

(*c*) *Dissertation*, etc., v. III.

(*d*) *Histoire de la Faculté de Médecine* já citada.

dico da côrte, escrever-lhe, preguntando o que havia de verdade sôbre os boatos que corriam. Foi em resposta que SILVA escreveu as suas observações sôbre as bexigas, a que adiante nos referimos.

Mas nem sempre os variolosos ilustres que tratou pela sangria morreram: o princípe do CONDÉ e o de CONTI salvaram-se e aquele nomeou-o seu primeiro médico e protegeu-o na sua pretensão de substituir em 1724 BONDIN, que era médico consultante do rei e que se impossibilitara, e a quem SILVA resolveu a pedir a demissão, prometendo-lhe que continuaria a receber o seu vencimento e que depois da sua morte a sua sobrinha teria uma pensão vitalícia.

Em 1726 fez uma consulta ao princípe MAXIMILIANO, Eleitor da Baviera, consulta que foi impressa e que fez com que fôsse chamado a Munich para cuidar do princípe, que lhe pagou os seus serviços com muitas honras e dádivas.

Foi nesse ano que SILVA tratou a rainha, que suspeitando-se estar prenhada se sangrara, a 11 de Fevereiro, por prevenção. Como as suspeitas se renovassem em Maio, redobraram os cuidados e quando saía, mesmo que fôsse para ir à missa, seguia-a sempre uma cadeira de mão, para se assentar caso repentinamente se sentisse incomodada, mas no fim do mês desfez-se esta suposição. Chegou o mês de Agosto e «a Rainha, que por muitos dias havia padecido dores de cabeça e alguns ameaços de febre, sentiu a 3 maior violência em ambas estas queixas e a 4 se lhe aumentou a última, de sorte que os médicos a fizeram sangrar no pé pelas quatro horas e como pela meia-noite se lhe repetiu a sezão e o desfalecimento continuara, se determinou que a sangrassem segunda vez no pé, como se fez a 5 pelas oito horas da manhã, mas, porque as duas sangrias não deminuíram nada na queixa, se passou a terceira no mesmo dia pela meia-noite, de que resultou passar com mais tranqüilidade até a manhã seguinte, em que os médicos se aproveitaram da deminuïção da febre para purgarem a Sua Majestade. Esta medicina e a quina-quina que depois se lhe fez tomar produziram tam bom efeito, que a 7 se achou Sua Majestade com muito alívio . . .». A 8 sobreveio-lhe uma sezão doble e, continuando a febre, a rainha, que já se tinha confessado, foi sacramentada a 13. Nesta noite receitaram-lhe novo remédio, que auxiliado com a quina-quina se esperava que melhorasse a doente. Mas o mal continuava e diagnosticaram os médicos uma inflamação no ventre. A partir de 17 manifestaram-se as melhoras, a febre desapareceu e a rainha começou a levantar-se, indo para Versalhes no princípio de Setembro e a 27 para Fontainebleau. Tal fôra o susto da rainha ao ver-se tam doente, que fizera o voto de não trazer durante um ano jóias de ouro ou prata.

No princípio de Novembro tinha-se como certa a gravidez da rainha e pensava-se em mandar fazer uma carruagem especial para uso desta, mas no dia 6 desfizeram-se outra vez as esperanças da prenhez (*a*).

(*a*) *Gazeta de Lisboa* de 1726, pp. 111, 199, 207, 287, 303, 311, 320, 334, 375, 399 e 407.

A 8 de Março do ano seguinte apareceram novamente enjôos e conseqüentes suspeitas de gravidez; foi novamente utilizada a cadeirinha para a transportar e sangrou-se no pé por precaução. A 26 de Maio a rainha mandou dizer ao rei que um príncipe de sangue lhe dera com os pés no ventre e assim foi anunciada com certeza a prenhez. A 6 de Agosto nova sangria no pé e no fim do mês dá-se o parto com facilidade (*a*). A 31 de Julho do ano seguinte novo parto feliz, mas o uso da sangria na pediosa continuou sempre (*b*).

O rei, estando a ouvir missa a 26 de Outubro de 1728, «se começou a sentir tam doente, que não quis sair do seu quarto. Pelo decurso do dia lhe foram aparecendo pelo corpo algumas borbulhas e pelas seis horas se recolheu na cama. A 27 se manifestou que a sua queixa eram bexigas, porém passou todo o dia tranqüilamente sem dores de cabeça, nem de rins. Os pulsos mostravam só alguma pequena alteração... o mal parece tam simples, que os médicos unânimemente julgavam que deviam deixar obrar a natureza sem recorrer a outro algum remédio...». A supuração acabou a 1 de Novembro... e o pulso tornou ao seu estado natural; mudou de roupa no dia seguinte e a 4 tomou uma medicina. O rei não consentiu que as pessoas da côrte que ainda não tinham tido bexigas entrassem na sua câmara emquanto durou a doença. Só a rainha ali permaneceu sempre. O rei mandou dar a cada um dos médicos que lhe assistiram 6:000 libras (*c*).

Conta La Mettrie que Ferrein nesta época encomendou a Silva e a êle um trabalho sôbre Fisiologia para lhe servir nas suas disputas com Heister (*d*).

Silva fez parte de uma comissão composta de vários clínicos de nomeada, dois cirurgiões e dois boticários, encarregada em 1728 de rever as licenças até então concedidas com a maior facilidade aos charlatães vendedores de remédios secretos, comissão que tornou a reünir-se em 1731 e depois em 1752 (*e*).

Também assinou em 24 de Dezembro de 1733, com Molin, Astruc, Petit, Morand, Guerin e Pramont, a resposta a uma consulta do Dr. Gaspar Casal sôbre uma mulher que tinha uns tumores malignos. Vem a pp. 381—386 da *Historia Natural y Medica de el Principado de Asturias* — Madrid, 1762.

*

Neste tempo o célebre Hecquet publicava em Paris as suas *Observations sur la Saignée du pied*. A nomeada do autor tornava mais afrontoso o ataque ao que fôra o principal título de glória na

---

(*a*) *Gazeta de Lisboa* de 1727, pp. 110, 222, 286 e 311.
(*b*) *Ibidem* de 1728, p. 280.
(*c*) *Ibidem* de 1728, pp. 383, 399 e 407.
(*d*) *Supplément à l'Ouvrage de Penelope*, p. 248.
(*e*) *Le Monde Médical Parisien au dixhuitième siècle* por Paulo Delaunay.— Paris, 1905, p. 299.

clínica de SILVA, êste viu-se obrigado a responder e ao opúsculo de HECQUET opôs a sua obra, em dois volumes, *Traité de l'usage des differentes sortes de Saignées principalement de celle du pied*—Paris, 1727 (*in* 8) de XXVIII-373-XVIII p. e IV-372-XVIII p.

Há outra edição de Amsterdam em 1729 em 2 volumes (*in* 12).

A sua lealdade foi ao ponto de publicar *in extenso* no fim do segundo volume da sua obra os trabalhos de HECQUET.

Êste médico concordava que a sangria dos pés era muito útil quando empregada nos espanhóis e por esta palavra entendiam-se os habitantes da península, espanhóis e portugueses. Mas afirmava que nos franceses não se reconhecia a mesma utilidade, porque estes diferiam essencialmente daqueles, porque:

1.º A Espanha é um país em que os corpos transpiram muito, nos quais, por conseqüência, o sangue e os humores que contêm se dirigem constantemente para a pele por um hábito que desde o nascimento se estabelece;

2.º O sangue, por êste hábito, adquire na pele ligações ou aderências que não lhe permitem deixar-se desviar pela sangria dos pés, como acontece nos franceses;

3.º Os espanhóis são sóbrios e frugais, contentando-se de alimentos simples, de maneira que o seu sangue não está sujeito a carregar-se de sucos viscosos e espessos; é, pelo contrário, um líquido ligeiro e muito fluido que fàcilmente circula nos vasos;

4.º Muitos espanhóis não bebem vinho e êste é, além disso, pouco carregado de ácidos, de maneira que também por êste meio não tornam o sangue espêsso;

5.º Os espanhóis levam uma vida tranqüila e despreocupada, indolente, sem paixões vivas nem grandes lutas, outra razão para não terem o sangue alterado.

Tais eram os cinco disparates com que HECQUET pretendeu combater o uso clínico da sangria dos pés, que SILVA pusera em moda.

Combate nesta obra os adversários da sangria do pé, mas é contra HECQUET que dirige todo o seu ataque, com grande exposição dos dados anatómicos que fizeram apreciar bastante a sua obra e que, no dizer de QUERARD (*a*), foi buscar a WINSLOW.

Uma das questões em que insiste bastante, é em demonstrar que não existem as grandes diferenças que HECQUET quis achar entre espanhóis e franceses para explicar o sucesso da sangria do pé naqueles e o insucesso nestes.

SILVA não é pródigo de citações; raros são os autores espanhóis citados e de portugueses só ZACUTO é nomeado.

A sua teoria resume-se no seguinte:

«Devem distinguir-se em todas as espécies de sangrias três efeitos diferentes que produzem sempre; 1.º, evacuam uma certa quantidade de sangue que é contida nos vasos, é a *evacuação;* 2.º, atraem maior quantidade de sangue para a região onde se sangra e para as partes próximas que recebem o sangue do mesmo ramo arterial,

---

(*a*) *France Littéraire.*

é a *derivação;* 3.º, finalmente, desviando o sangue para a região em que se sangra e partes próximas, afastam-no na mesma proporção das regiões mais distantes que recebem o sangue de vasos opostos, é a *revulsão*».

Por estas razões, condenava a sangria dos pés quando se pretendia prevenir ou curar inflamações nas vísceras abdominais ou nos membros inferiores, assim como a sangria do braço nas doenças inflamatórias que ameaçam o cérebro ou as extremidades superiores. Preconizava a sangria dos pés nas febres contínuas ardentes, nas febres malignas e principalmente no período congestivo da varíola para prevenir as subidas de sangue à cabeça, tam vulgares e perigosas nesta altura da doença.

O panegirista de Silva, Bruhier, diz que muitos médicos ilustres, entre os quais Boerhaave, elogiaram esta obra, que, no dizer do mesmo, teve muitas traduções e contrafacções. Efectivamente, não só o grande mestre de Leyde, mas também Winslow, deram o seu aplauso às teorias do médico português (*a*).

Em Portugal era uso corrente em profissionais e em leigos sangrar na suspeita das bexigas ou quando estas estavam a sair, isto sem excepção de idade.

Dizia Fonseca Henriques (*b*): «os médicos, os sangradores e as próprias mães, na suspeita de bexigas, sangram os meninos ainda nos primeiros meses». O mesmo escreveu: «sôbre o lugar da sangria dizem sem discórdia os Práticos, que se faça no braço a fim de evacuar o sangue dos vasos maiores e das partes mais vizinhas ao coração... Nós porém, quando entendemos que a febre é de bexigas, sangramos cuidadosamente nos pés, assim nos meninos que mamam, como nos adultos e nunca nos pareceu bem o método de sangrar no braço, porque a febre das bexigas muitas vezes é maligna e como tal a devemos tratar sangrando nos pés, temendo os delírios e movimentos convulsivos que com as sangrias altas se podem excitar e com as dos pés se podem prevenir» (*c*).

Na gravidez tinha a mesma opinião; falando por exemplo das dores de dentes das prenhadas, diz que muitas vezes observou que a sangria dos braços era inútil e com a primeira sangria dos pés desaparecia logo a dor; e acrescenta: «de uma sabemos nós, que já sem conselho de médico, em lhe doendo os dentes muito, em qualquer mês (de gravidez) que seja, toma duas sangrias nos pés, com que se livra das dores sem nocumento da prole» (*d*). E noutro lugar: «raríssimas vezes se perdem os ventres com sangrias baixas, antes nos persuadimos que por falta delas perecem algumas vezes os fetos sufocados com a nímia exuberância de sangue que superabunda nos vasos descendentes...» (*e*).

(*a*) *Le docteur Quesnay Médecin de Madame de Pompadour et de Louis XV* pelo Dr. Jean Lami in «*Medecina*», Abril de 1907.
(*b*) *Medicina Lusitana,* edição de 1734, p. 177.
(*c*) *Ibidem,* p. 720.
(*d*) *Ibidem,* p. 330.
(*e*) *Ibidem,* p. 334.

O mesmo se usava no período de invasão das febres malignas (*a*).

E até nos clínicos que eram menos pródigos nas emissões sangüíneas se encontrava a mesma predilecção pelas chamadas sangrias baixas. Está nesse caso CURVO SEMMEDO (*b*).

¿Onde foram estes práticos buscar êste costume, que como se vê havia em Portugal, antes de SILVA o ter pôsto em moda na França? Pode dizer-se que tal tradição teve a sua principal fonte nos livros de ZACUTO. FONSECA HENRIQUES confessa-o claramente mais de uma vez e muito particularmente quando refere a opinião dos partidários das emissões sangüíneas nas febres infecciosas, GASPAR CALDEIRA DE HEREDIA, JOSÉ GALEANO, LUÍS PERES RAMIRES e ZACUTO, onde se vê claramente que foi o ensino clínico dêste que sempre seguiu aquele prático.

Fr. Manuel de Azevedo na *Correcção d'Abusos* diz que a sangria dos pés, processo terapêutico que preconiza na febre tifóide, foi por êle empregada pela primeira vez em Lisboa, onde se ahava desde 1649.

ZACUTO partia do princípio que quási todas as doenças provinham em Portugal, na Índia e no Brasil da grande abundância do sangue, que resultava da acção do clima agravado pela alimentação excessiva pela qualidade e quantidade. Por isso acreditava como principal meio terapêutico nas emissões sangüíneas realizadas por meio das sanguessugas, das ventosas sarjadas e principalmente pela sangria, que muitas vezes achava preferível fazer-se nos membros inferiores. Veja-se o que disse do seu emprêgo na varíola (*c*), nas grávidas (*d*), nas febres (*e*), etc. Foi êle que não só defendeu os clínicos portugueses da sua exagerada predilecção pela sangria, prática que fôra tam combatida por RODRIGO DA FONSECA, mas também os confirmou nesse uso e abuso, preconizando acima de tudo as ventosas sarjadas e as sangrias baixas.

É pois muito lícito pensar que foi ZACUTO quem guiou SILVA no seu amor pela sangria dos pés, de que fez a panacea que constituíu a principal base material do seu sucesso na clínica.

O que é certo é que a obra do médico português fez muito barulho, a julgar pelos que saíram a combatê-la. Foi o primeiro HECQUET, no prefácio da edição da sua obra *De la Digestion et des Maladies de l'Estomac*. Aí, num capítulo intitulado *Réponse aux principaux endroits du Livre de M. SILVA sur l'Usage des Saignées*, em 259 p., ataca duramente êste, sendo sobretudo curiosos os libelos fundados em ter citado autores árabes, em desprezar ou contrariar filhos da escola de Paris e sobretudo BRISSOT e em ir à escola de Montpellier buscar argumentos contra a de Paris. Chama-lhe autoritário, insidioso, agressivo, imprudente, vaidoso, enigmático e outros nomes feios.

(*a*) *Medicina Lusitana*, edição de 1734, p. 787.

(*b*) Veja-se, além doutras das suas *Observações Médicas Doutrinais*, a Observação XXVII.

(*c*) *Operum*, t. I, pp. 780 e 781.

(*d*) *Ibidem*, p. 60 e outras.

(*e*) *Ibidem*, p. 548.

A HECQUET vieram juntar-se na crítica da obra de SILVA os médicos CHEVALIER, o cirurgião QUESNAY, e mais tarde TRALLES, MARTIN e GONRRAIQUE. SENAC escreveu as *Lettres de JULIEN MORISSON sur le choix des saignées* —Paris, 1730 (*a*). A obra de QUESNAY intitula-se *Observations sur les effets de le Saignée, tant dans les Maladies du ressort de la Médicine que de la chirurgie, fondées sur les loix de l'Hidrostatique. Avec des Remarques Critiques, sur le Traité de l'Usage des differentes sortes de Saignée, de Monsieur SILVA*— Paris, 1730. QUESNAY trata a SILVA por célebre, prático consumado e atento, celebra a sua nobreza de sentimentos e excelente carácter e desculpa-se de atacar a sua doutrina, sem querer de modo algum desagradar-lhe. Entrevê-se, na maneira como se lhe dirige, o grande respeito e consideração que então merecia o grande clínico.

Em 1728 o rei cai com bexigas, é chamado SILVA e tam bem se houve, que o agrado real aumenta. A nomeação de SILVA para médico consultante devia fazer cessar a pensão que lhe fôra concedida, por não poder subsistir simultâneamente com os honorários do seu cargo, mas o rei transferiu-lhe a pensão para sua mulher por decreto de 30 de Setembro de 1729.

Aumenta todos os dias a sua clientela, o duque de LORENA toma-o como médico. O seu prestígio na casa do conde não se perdera com a morte do príncipe e tanto que em 1830 a sua viúva, S. A. Luísa de Bourbon, concedia-lhe uma pensão vitalícia de 1:000 libras e em 1734 mais outra da mesma quantia, que por sua morte deveria reverter a favor de seu filho.

Poucos anos depois, em 1738, o médico português recusou a oferta que lhe foi feita do lugar de primeiro médico da czarina da Rússia.

Em 1732 pela morte de CHIRAC o lugar vago do primeiro médico do rei teve vários pretendentes, os mais importantes dos quais foram SILVA, SIDOBRE e HELVETIUS, que, sendo o candidato da rainha, conseguiu vencer os outros concorrentes. A êste acontecimento se refere a anedota contada por La METRIE e que adiante se verá.

O hospício dos Enfants Trouvés estava no princípio do século XVIII numa casa da rua Notre Dame. Sendo enorme a mortalidade das crianças em 1738, a administração dêste instituto de caridade pediu conselho sôbre as causas desta mortandade a vários médicos eminentes de Paris e entre êles ao nosso SILVA.

Em Fevereiro dêste ano o delfim tinha tido um abcesso na face e, quando êste foi incisado por La PEYRONIE, ia desmaiando, do que o livrou o médico português fazendo-o cheirar um frasco de água de Luce (*b*). E. J. F. BARBIER (*c*) referindo o mesmo facto diz que foi o pretexto da concessão dos títulos de nobreza a SILVA e da graça

---

(*a*) Houve nesse tempo quem atribuísse a SENAC a paternidade dos sarcasmos e injúrias que se encontravam na obra de LA METTRIE, a que adiante nos referimos.

(*b*) Segundo LA METTRIE êste têrmo de Luce era a designação duns frades que em Rennes e Bordéus exploravam a indústria de remédios secretos.

(*c*) *Journal historique et anédoctique du Régne de Louis XV.*

de 6:000 libras de pensão a Du Moulin, mas um dos seus biógrafos diz que foi por ter recusado uma pensão de 1:000 libras, que em nome do rei lhe foi oferecida, que obteve a carta de nobreza. Mas parece não ser exacta esta informação, como adiante se verá.

O mesmo memorialista refere que tendo tido uma recidiva de disenteria antiga o duque de Bourbon, que então estava em Chantilly, o médico assistente Silva chamou em conferência o seu colega Du Moulin, o que não impedira a morte rápida do doente.

*

Entre os cortesãos e aduladores que a fama do grande clínico atraía apareceu um que lhe inventara uma genealogia que o fazia descender da nobre casa dos Silvas de Portugal, «royaume dont il est originaire», acrescenta Buhier, referindo a êste propósito que o próprio duque da Silva tratara o médico numa carta por parente, a que êle respondera que esta honra o lisonjearia muito se tivesse fundamento.

Tanto em Espanha como em Portugal foram muito ilustres os fidalgos com êste apelido. Dos primeiros escreveu-se:

«Silva, d'Argent au lion de gueulles, tige grandement illustre, à cause de plusieurs Saincts & sainctes, qui en sont issus, entre autres le B. Gonçales de Silva Jesuite, qui a converti à la Foy l'Empereur des Cafres & les Roys de Tongis, & Monomotapa en Affrique, où il fut martyrisé le 16. Mars, l'an 1561. agé de 35 ans. & les B B. Jean & Beatriz de Silva frère & sœur, lui fondateur de l'Ordre des Amodei, & la sœur, de celuy de la Cõnception de la Vierge Marie, l'an 1489» (*a*).

D. Luís Zapata no *Carlos Famoso* diz sôbre o brasão dos Silvas que tem um leão de ouro em campo de prata:

«El Leon en campo blanco coronado
Con las vñas rapantes de tal guisa,
El Linage de Silva muy nombrado
Le trae en sus Escudos por divisa:
En tiempo del primer Rey, Iuan llamado,
Segun dello su Historia nos avisa,
De Portugal acà felizmente
Passò la primer planta desta Gente» (*b*).

Dêstes era D. Fernando da Silva de Pastrana, duque de Huescar, conde de Galve, que vivia em 1749 (*c*). ¿Seria êste o duque da Silva que se lisonjeara com o suposto parentesco do médico português? ¿Ou seria algum dos fidalgos do ramo português do mesmo apelido?

(*a*) *Le Martyriloge des Chevaliers De Sainct Jean de Hierusalem.* Silva, in *Cabinet d'Hozier* na Biblioteca Nacional de Paris.

(*b*) *Historia Genealogica de la casa de Silva,* por D. Luis de Salazar y Castro, L. I, p. 19.

(*c*) *Dossiers bleus* n.º 615, na Biblioteca Nacional de Paris.

Vejamos o que nos dizem os livros de genealogias da nossa livraria. A *Nobliarchia Portuguesa* de ANTÓNIO DE VILAS E SAMPAIO diz dos SILVAS: «He huma das familias mais illustres da Hespanha. Tem seu solar na Torre da Sylva, junto ao Rio Minho». E mais adiante: «Tem por armas em campo de prata hũ Leão de purpura armado de azul: tymbre o Leão. El Rey D. Afonso de Leão as deu a D. Martim Gomes da Sylva...».

ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA nas *Memórias Históricas e Genealógicas dos Grandes de Portugal*, escrevendo dos condes de AVEIRO, diz:

«Esta casa tem Varonia de Sylva, derivada dos antigos Reys de Leão na pessoa de Gonçalo Gomes da Silva, Rico Homem, Alcaide Mór de Monte Mór o Velho, Embaixador a Roma ao Papa Urbano VI, e Senhor de Vagos, Unhão, Gestaço, Tentugal, Buarcos e outros termos,... Era filho de João Gomes da Silva o Velho, e de sua mulher Dona Constança Gil Sola, o qual era por Varonia quarto neto de D. Guterre, Rico-Homem, Senhor de Alderete e Sylva, neto de D. Pelayo Fruella, filho del-Rey D. Fruella II de Leão. Casou D. Pelayo com a condessa D. Aldonsa, filha do Infante D. Ordonho o Cego, e da Infanta D. Christina, filha de Bermudo, II Rey de Leão e elle delRey D. Ramiro III de Leão. Erão êstes Reys decimos avós de Gonçalo Gomes da Silva, primeiro Senhor de Vagos, Rico Homem de sangue, de Cuja Casa são ramos todas as demais Casas do apellido de Sylva; a saber os Condes de Unhão, e Marquezes de Alegrete, Condes de Villar Mayor, Tarouca, Viscondes de Vila Nova da Cerveira, Marquez de Niza, Conde de Santiago, Condes de S. Lourenço, e em Castella Duques de Pastrana, de Hijar, Marquezes de Orani, Melgar, Almenara, de la Eliseda, Aguiar, Condes de Galve e outras muitas ilustres de Portugal e Castella».

Houve um D. JOÃO DA SILVA, conde de PORTALEGRE, autor das interessantes cartas do tempo de FILIPE II de Espanha, existentes no Britisth Museum.

Dos SILVAS escreveu ANSELMO BRAAMCAMP (*a*):

«O brasão na sala de Cintra é: de prata leão de purpura, armado e linguado de vermelho- Timbre: leão d'oiro.

«Da mesma maneira se encontra o escudo no *Livro do Armeiro mor*, fl. 54, e no *Livro da Torre do Tombo*, fl. 11. É porem mais vulgar ser o leão armado e linguado de azul; mais vulgar, e mais correcto, se estas armas são, como se diz, as dos reis de Leão. E ainda mais correcto seria, se o leão fôsse coroado d'oiro, como em Hespanha usaram os Silvas das duas grandes casas de Cifuentes e Pastrana. O timbre é que está errado, pois que todos lhe assignam um leão egual ao do escudo».

(*a*) Livro 1.º dos *Brasões da Sala de Cintra*, p. 225.

Sabendo que TOMÁS TELES DA SILVA estivera em França no primeiro quartel do século XVIII, lembrei-me se seria êste o tal duque.

Dêle escrevia ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA:

«... Thomaz da Sylva Telles, filho do II Marquez de Alegrete, o qual sendo conego de Evora, renunciou esta vida pela Militar, serviu na guerra, sendo coronel do regimento de Estremoz; general de Batalha e feita a paz no anno de 1715, passou a ver algumas Cortes da Europa, e se achou voluntario na batalha de Belgrado e sitio daquella praça; he Mestre de Campo General dos Exercitos de Sua Magestade e pelo seu casamento XIII Visconde de Villa Nova de Cerveira, e nomeado Embaixador Extraordinario á Corte de Madrid, gentil homem da Camara de ElRey D. Joseph, nomeado a 13 de Agosto de 1750...»

Para tirar todas as dúvidas recorri à grande autoridade de ANSELMO BRAAMCAMP, que teve a bondade de informar-me:

«Tomás Telles da Silva, aliás, Tomás da Silva Telles, que em 1715 se alistou nos exercitos imperiaes, era filho segundo do 2.º Marquez de Alegrete e veio a ser pelo seu casamento visconde de Vila Nova de Cerveira por carta de 6 de Outubro de 1728, no qual se lhe dá o segundo daqueles nomes.

«Do 2.º Marquez de Alegrete foi irmão João Gomes da Silva, conde de Tarouca por carta de 28 de Fevereiro de 1688, em virtude de estar casado com a herdeira daquela casa. Foram seus filhos entre outros, D. Estevão de Menezes, 5.º conde de Tarouca e 1.º marquez de Penalva, e Manuel Teles da Silva, Duque de Telles da Sylva criado pelo imperador Carlos VI em 12 de Janeiro de 1735.

«Vinham portanto a ser primos co-irmãos o Tomás da Silva Teles, soldado nos exercitos imperiaes em 1715 e 1717, e Manuel Teles da Silva, duque em 1735. A ambos me referi no livro 1.º dos *Brazões de Cintra*, ps. 263 e 275...»

Era pois êste fidalgo o que muito desejava estar aparentado com o célebre médico.

*

Foi esta a carta de nobreza que em prémio dos serviços prestados na côrte lhe foi passada e que para ser de linhagem ilustre o dispensava do suposto parentesco com os SILVAS de Portugal:

«Louis par la grace de Dieu, Roy de France et de Navarre àtout présent et àvenir, Salut. Les marques d'honneur et de distinction que les souverains accordent au mérite et à la vertu ne sont pas seulement des témoignages éclatans de leur justice et de leur libéralité, elles servent encore à exciter le zèle et cette émulation qui produisent les grands hommes et qui rendent les Etats florissans,

c'est dans cette vue que depuis notre avènement à la couronne nous avons honoré du privilége émiuent de la noblesse ceux de nos sujets qui nous ont rendu des services importans ou qui par des talens supérieurs et par une application suivie se sont rendus utiles à nos peuples. Ces différents avantages se trouvent réunis dans la personne du Sr. Silva Médecin des facultés de Montpellier et de Paris, l'un de nos médecins consultans, sa réputation déjà solidement établie en mil sept cent vingt un le fit admettre dans les consultations qui furent faites sur le danger où nous nous trouvions alors; depuis douze ans que nous l'avons nommé l'un de nos Médecins consultans il a continué de nous donner des preuves de son zèle et de sa capacité et particulièrement durant la petite vérole dont nous fumes attaqué en mil sept cent vingt huit; ses secours n'ont pas été moins utiles à la Reine notre très chère Epouse et compagne lorsqu'elle a été malade en mil sept cent vingt six et à notre fils le Dauphin pendant la maladie qu'il vient d'essuyer, plusieurs Souverains de l'Europe l'ont honoré de leur confiance et ils ont toujours éprouvé combien il en était digne, né avec les plus heureuses dispositions et cultivé par une étude assidue et par un travail sans relâche il en fait depuis trente cinq ans ressentir les avantages au public, jaloux même de multiplier ses secours il a formé des sujets qui commencent à partager avec lui cette confiance générale qu'il a si justement acquise, et un ouvrage qu'il vient de composer sur un point important de sa profession et qui a été traduit en plusieurs langues fera encore vivre après lui ses lumières et son expérience, des services aussi considérables nous déterminent à lui accorder des honneurs proportionnés et qu'il puisse transmettre à sa prosterité; à ces causes et autres considérations à ce point mouvante de notre grâce spéciale, pleine puissance et autorité Royale nous avons annobli et par ces présentes signées de notre main annoblissons notre cher et bien aimé Jean Baptiste Silva et ses enfans mâles et femelles, nés et à naitre en légitime mariage, voulons et nous plait qu'en tout lieux que tant en Jugement que dehors ils soient réputés nobles et gentishommes et comme tels prennent la qualité d'Ecuyer dont nous avons décorés qu'ils puissent parvenir à tout degré de Chevalerie et autres dignités libres et qualités réservés à notre noblesse, qu'ils soient inscrits dans le catalogue des Nobles et qu'ils jouissent et usent de tous les privilèges, prérogatives, franchises, préeminences et exemptions dont jouissent les anciens Nobles de notre Royaume tant qu'ils vivront noblement et ne feront acte dérogeant tenir et posséder tous fiefs et seigneuries Nobles de quelques titre nom, qualité et nature qu'elles soient, porter armes timbrées telles qu'elles seront figurées dans ces présentes lettres et réglées et Blasonnées par le Sr. d'Hozier, notre Genialogiste et Juge d'armes de France; suivant la commission que nous lui avons donné par nobre arrêt du conseil du dix huit novembre mil six cents quatre vingt six avec pouvoir et liberté de les faire peindre graver et insculper en ses maisons, terres et seigneuries et que bon lui semblera en vertu des présentes qui ne pourront être sujettes à aucune suppression, finance ou indemnité dont en tant que

besoin seroit nous lui faisons don à présent, *Si donnons en Mande ment* à nos armes et fléaux con.er les gens tenant notre Chambre des comptes à Paris que ces présentes ils aient à faire registrer et de leur contenu jouir et user le Sr. Silva et ses enfans nés et à naitre en légitime mariage pleinement paisiblement et perpetuellement cessant et faisant cesser tout troubles et empêchemens nonobstant tout édit et déclarations, ordonnances, arrêts, réglemens contraires auxqueles nous avons dérogé et dérogeons par ces présentes à cet égard seulement car tel est notre plaisir et afin que ce soit chose ferme et stable à toujours, nous avons fait mettre notre scel à ces présentes données à Versailles au mois de fevrier l'an de grâce mil sept cent trente huit et de notre régne le vingtroisième signé Louis et sur le repli par le Roy Phelyppeaux et scellées du grand Sceau de cire verte en lacs de soye rouge et verte et à coté, Visa Daguesseau pour annoblissement au Sr. Silva signe Phellipeaux et sur le repli est encore écrit Expediées et registrées en la Chambre des comptes du Roy notre Sire, au registre des Chartres de ce tems oui le Procureur Général du Roy information préalablement faite sur les vies meurs, âge religion Catholique Apostolique et romaine, naissance, biens et facultés de l'impétrant par l'un des Con.ers Maitres Ordinaires en la Chambre à ce commise pour jouir par le impétrant ses enfans et posterité né et à naitre en loyal mariage de l'effet et contenu en ycelles moyennant la somme de deux cents livres par lui payée laquelle a eté convertie et employée en aumône le vingt trois Avril mil sept cent trente huit.

(*Signé*) Baron Con.er Maitre Rapporteur.

A carta de nobreza é de 23 de Fevereiro de 1736 e foi registada a 23 de Abril de 1738 (*a*).

O brasão do novo fidalgo ficou sendo «d'azur au dauphin d'argent à la bordure d'or semée de fleurs de lys d'azur» e foi determinado pelo *règlement d'armoiries* de 11 de março de 1838 (*b*).

Além de outras honras que recebeu, o abade Rignon quis fazê-lo membro da Academia das Inscrições, mas Silva não aceitou o oferecimento. Pretendeu, parece, mas não conseguiu entrar na Academia Francesa. Pouco antes da sua morte foi nomeado sócio da Academia das Belas Letras, Sciências e Artes, de Bordéus.

Bruhier celebra a sua filantropia e conta-nos que os seus sentimentos religiosos tinham-se exaltado nos últimos anos da sua vida, porque tendo deminuído a sua clínica e tendo mais tempo disponível todos os dias ia à missa.

Em 1742 João Baptista Silva figura entre os médicos censores dos livros a publicar.

(*a*) A cópia desta carta régia foi-me obsequiosamente dada pelo Sr. Dr. J. de Melo Viana.

(*b*) *Pièces Originelles* da colecção de Hozier n.º 2:705, na Bibioteca Nacional de Paris.

Bruhier (*a*), o panegirista de Silva, publicou em três volumes as *Dissertations et Consultations Medicinales de Messieurs Chirac, Conseiller d'État & Premier Médecin du Roi, & Silva, Médicin Consultant du Roi, & Premier Médecin de S. A. S. Monseigneur le Duc* — Paris, 1744 (*a*), que tem como prólogo o elogio dos dois médicos.

O primeiro trabalho de Silva que aí vem é *Observations sur la Petite Verole*, em que o autor descreve muito bem a sintomatologia da doença e largamente expõe os elementos do prognóstico que podem relacionar-se com os diferentes sintomas. Entra depois no estudo do tratamento e para justificar a sangria empregada logo nos princípios da doença refere várias autópsias de variolosos.

Preconiza o emético logo a seguir e depois descreve os outros tratamentos como os cordiais, os emolientes, etc. Não era grande partidário dos opiados e usava muito fazer com que o doente bebesse muita água e caldos.

Vemos citados muitos casos observados em doentes seus ilustres, como o visconde de Paris, a filha da marquesa de Bethune, o conde de Fenelon, os filhos de M. Honel, o cavalheiro de Rezay, o conde de Paris, o duque de Olonne, o conde d'Angennes, a marquesa de Bramas, o marquês do Mailly, o cavalheiro de Blaceau, o barão de Viscomty Milon, *mademoiselle* de Gauffres, *madame* de la Reviere e muitos outros. Tem-se a impressão que toda a nobreza tinha a varíola e se tratava com Silva.

A segunda memória intitula-se *Dissertation où l'on examine la manière dont l'esprit seminal est porté à l'ovaire*. É na totalidade empregada em demonstrar que o elemento fecundante não vai aos ovários pelo útero e trompas, mas sim misturando-se no sangue da fêmea e levado pelos vasos sangüíneos.

A terceira memória, *Dissertation où l'on examine si dans les inflamations il faut toujours donner la préférence à la saignée révulsive*, contém a crítica dos médicos que só pensavam pelo que os antigos tinham escrito e considerando a doutrina da sangria como corolário da da circulação do sangue, nada diz de novo sôbre o que naquela época era largamente do domínio da prática. No fim desta tese há uma nota de Bruhier, que diz terem-lhe afirmado que esta dissertação era de Malouin e não de Silva, sem o negar terminantemente. Bruhier conta que viu êste trabalhar nesta memória, de maneira que, se a não escreveu, adoptou-a. No 3.º volume declara que efectivamente era de Malouin.

Vêm depois várias consultas escritas por Silva em diferentes épocas sôbre *uma pessoa atacada de esvaïmentos*, outra em colaboração com Bayer sôbre um doente com *dificuldade de engulir principalmente os liquidos*, outra sôbre uma senhora com *flores brancas*, um caso de *gota*, outro de *reumatismo gotoso*, um doente de *dispepsia*, um caso da *pleurisia*, etc.

(*a*) *Nouveau d'Hozier* n.º 306, ibidem.

*

Vejamos o que de JOÃO BAPTISTA SILVA disse a inveja dum colega, que àsperamente censurou todos os contemporâneos que na clínica de Paris tinham bem ou mal adquirido notoriedade. Quero referir-me ao curioso panfleto intitulado *Politique du Médecin de Machiavel ou Le Chemin de la Fortune ouvert aux Médecins: Ouvrage réduit en forme de Conseils, par le Docteur Fum-Ho-Ham, & traduit sur l'Original Chinois, par un nouveau Maître ès Arts de S. Cosme, Prèmiere Partie. Qui contient les Portraits des plus célébres Médecins de Pekin.* — A Amsterdam, Chez les Freres Bernard s. d. (1746) 17 × 10 de XL — 96 p. O exemplar desta raríssima obra que adquiri em Paris é muito curioso. Tem várias notas ms. e a propósito de cada um dos médicos nomeados com apelidos de fantasia, dá os nomes verdadeiros que estes pretendem designar. Êste panfleto terrível era de LA METTRIE.

JULIÃO OFFRAY DE LA METTRIE (*a*) nasceu em Saint-Malo a 25 de Dezembro de 1709, estudou humanidades em Coutances, retórica em Caen, lógica e física no colégio de Harcourt em Plessis e depois medicina em Reims (*b*), onde se graduou em 1728, tendo tido como professores JOSNET e HONNAULT. Depois de ter exercido durante cinco anos a clínica na sua terra, foi para os Países Baixos e em 1733 e 1734 ouviu em Leyde as lições de BOERHAAVE.

HONNAULT tinha-lhe dado para êste uma carta de recomendação, mas recomendou-lhe com muita insistência que o carácter sério do mestre de Leyde se não compadecia com ditos de espírito.

Em 1734 publicou a tradução do *Tractatus Medicus de Lue Aphrodisiaca* deste professor, a que juntou o seu *Traité des maladies vénériennes*, livro que foi muito apreciado, mas que foi alvo de muitos ataques, principalmente devidos a ASTRUC, que com violência e paixão o criticou no seu *De morbis venereis*, publicado em 1736. LA METTRIE respondeu a estes ataques e continuou publicando *Traité du Vertige* — Paris, 1737 (onde vem a primeira resposta a ASTRUC), *Lettre sur l'art de conserver la santé et de prolonger la vie* — Paris, 1738 e o *Traité de la petite vérole* — Paris, 1740. Publicou também uma sátira contra o oftalmologista TAYLOR com o título de *Lettre de Mr. J... médecin de Bourges à Mr. Koniq, médecin de Bale. Observations de Médecine Pratique*, dedicado a MENARA, médico em Saint-Malo.

Tendo voltado para esta localidade, onde se dava muito com uma convulsonária, não tirando recursos da clínica, aplicou-se principalmente a traduzir as obras de BOERHAAVE e a êle se devem *Aphorismes sur la connaissance et la cure des maladies* — 1739, *Traité de la*

(*a*) Para a sua biografia devem consultar-se a *Biographie Médicale, Le Monde Médical Parisien au dixhuitième siècle*, por PAULO DELAUNAY — Paris, 1905, e a introdução de MAURICIO SOLOVINE à reimpressão feita em 1921 de *L'Homme-Machine*.

(*b*) Devem ler-se as impressões que lhe provocou o seu doutoramento na *Ouvrage de Penelope*, tom. II, p. 121 e segs.

matière médicale — 1739, *Institutions de médicine* — 1740 e *Abregé de la theorie chimique, tiré des propres écrits de Mr. Boerhaave* — 1741. Refere êle que escreveu a *Vie de Boerhaave* que os tradutores de *Dictionnaire de Médecine Anglois* copiaram depois.

Em 1742 o seu colega e amigo MORAN chamou-o a Paris e conseguiu com o Dr. SIDOBRE que fôsse nomeado médico das guardas francesas. Nesta situação acompanhou o duque de GRAMONT à batalha de Dettingen em 1743, ao cêrco de Friburgo e em 1745 a Fontenoy. Em 1743 tinha dado à luz *Observations de médicine pratique* — Paris, 1743. In 12 (*a*).

Passou depois a servir como inspector nos hospitais militares de Lille, Gand, Bruxelas, Antuérpia e Wornes. Voltando a Paris, não encontrou meio propício para abrir caminho e tornar-se conhecido e num movimento de revolta resolveu lançar-se na polémica e na crítica.

As suas tendências revolucionárias acentuaram-se quando, pouco depois, publicou a *Politique du médecin*, e o escândalo subiu ao mais alto grau ao verem-se os principais médicos de Paris caricaturados e ridicularizados, vítimas dos maiores ataques na sua honra e dignidade. O clamor de todos, representado pela queixa do decano da Faculdade, desencadeou o processo que terminou pela sentença seguinte:

«ARREST DE LA COUR DU PARLEMENT — *Qui condamne un Libelle intitulé:* Politique du Medecin de Machiavel, *ou* Le Chemin de la Fortune ouvert aux Medecins». A *Amsterdam chez les Freres Bernard, à être laceré & brûlé por l'Exécuteur de la Haute Justice.* — *Du 9, Juillet 1746.* — EXTRAIT DES REGISTRES DU PARLEMENT. — VEU par la Cour la Roquête présentée par les Doyen, & Docteurs Régens de la Faculté de Médecine de Paris, à ce que pour les causes y contenues, il plût à ladite Cour donner Acte aux Suppliants de la dénonciation qu'ils faisoient à la Cour du Libelle sous le titre de Politique du Medecin de Machiavel; en conséquence ordonner qu'il sera laceré & brûlé par la main de l'Exécuteur des Oeuvres de la Haute Justice en la maniere ordinaire, & que les perquisitions nécessaires pour en retirer les Exemplaires seront incessamment faites à la requête du Procureur Général du Roy; comme aussi qu'à la même requête il sera informé contre l'Auteur ou les Auteurs dudit Libelle, & autres qui ont directement ou indirectement travaillé à le composer, imprimer, vendre & débiter, pour être procedé contr'eux suivant la rigueur des Ordonnances; ordonner en outre que l'Arrêt qui interviendra sera lû, publié & affiché par-tout où besoin fera; déclarant au surplus les Suppliants qu'ils n'entendent être ni demeurer Parties civiles: Vû aussi deux Exemplaires dudit Libelle intitulé: *Politique du Medecin de Machiavel*, ou, *le chemin de la fortune ouvert aux Medecins. A Amsterdam*,

---

(*a*) As quatro memórias que até esta data publicara foram reimpressas em Berlim em 1751, reünidas num volume in-4.º a outras duas sôbre a disenteria e a asma.

chez les Freres Bernard. Lesdits Exemplaires joints à ladite Requête, signée Thomazon, Procureur : Conclusions du Procureur Général du Roy. Oüi le rapport de M.^e Aymé — Jean — Jacques Severt, Conseiller. Tout consideré :

LACOUR donne Acte aux Suppliants de leur dénonciation du Libelle intitulé : *Politique du Médecin de Machiavel*, ou, *le Chemin de la Fortune* ouvert aux Medecins. A Amsterdam, chez les Freres Bernard ; & en conséquence, faisant droit sur le Réquisitoire du Procureur Général du Roy, ordonne que le dit Libelle sera laceré & brûlé dans la Cour au pied du grand Escalier d'icelui, par l'Exécuteur de la Haute-Justice, donne acte au Procureur Général du Roy de sa plainte, ordonne qu'à sa requête il sera informé par devant le Conseiller Rapporteur des Faits mentionnez en ladite Requête, circonstances & dépendances, tant contre les Auteurs dudit Libelle, que contre tous Imprimeurs, Libraires, Colporteurs, & autres qui ont eu part à la composition, impression, ou distribution dudit Libelle, pour ce fait, & le tout communiqué au Procureur Général du Roy, être par lui requis ce qu'il appartiendra, & par la Cour ordonné ce que de raison : Enjoint à tous ceux qui auroient des Exemplaires dudit Libelle, de les remettre incessamment au Gréffe de la Cour pour y être supprimez ; & néanmoins ordonne qu'un des deux Exemplaires, joints à ladite Requête, sera & demeurera déposé au Greffe de la Cour pour servir à conviction ; & cependant fait défenses à tous Libraires, Imprimeurs, Colporteurs, & à tous autres, de l'imprimer, vendre, débiter, ou autrement distribuer, à peine de punition corporelle. Ordonne que le présent Arret sera imprimé & affiché par-tout où besoin sera. FAIT en Parlement le neuf Juillet mil sept cent quarante-six. Collationné, DELAVAUD. (signé), YSABEAU.

Et le treiziéme Juillet mil sept cent quarante-six, à la levée de la Cour, en exécution de susdit Arrêt, le Libelle y mentionné a été laceré & jetté au feu par l'Exécuteur de la Haute-Justice, au bas du grand Escalier du Palais, en présence de Nous Marie Dagobert Ysabeau, l'un des trois premiers & principaux Commis pour la Grand Chambre. assisté de deux Huissiers de ladite Cour. (Signé), YSABEAU.

A PARIS, chez PIERRE — GUILLAUME SIMON, Imprimeur du Parlement, rue de la Harpe, à l'Hercule. 1746» (*a*).

Duas fôlhas de 22×18.

O exemplar que possuo e que tem as anotações manuscritas da época, tem escrito ao lado da era *16: Juill. 1746*, o que parece indicar que foi esta a data da publicação da sentença.

Está encadernado junto com o valioso exemplar da *Politique du medecin*, que tem manuscritas várias notas, em face do pseudónimo dos caricaturados tem o seu nome verdadeiro e nas guardas tem umas notas de duas letras diferentes, sendo as mais antigas muito

(*a*) Esta sentença explica o facto de ser hoje raríssimo êste livro, que nem nas bibliotecas riquíssimas de Paris se pode encontrar.

curiosas, porque o seu autor, contemporâneo da obra, foi registando os boatos que corriam sôbre esta e o seu autor. Assim em 16 de Julho de 1746 diz ser voz constante em Paris que LA METTRIE fôra assassinado pouco depois de ter chegado à Holanda, para onde fugira aos efeitos que esperava da sua diatribe.

Como tivesse perdido o seu logar nas guardas francesas pela morte de MORAND e o de inspector dos hospitais militares em 1746 e não pudesse fazer clínica nem continuar a viver pela sua pena e a hostilidade geral o perseguisse, para evitar ser metido na Bastilha, teve de fugir para Leyde.

Efectivamente refugiara-se nesta cidade, mas ninguém atentou contra êle. No ano seguinte, 1747, esteve em Midleburg e voltou à carga dando à luz uma comédia *La Faculté vengée*, que representava os professores e grandes clínicos parisienses em harmonia com o seu panfleto. Esta comédia foi impressa com o título *Les Charlatans démasqués ou Pluton vengeur de la société de médicine, comédie ironique*, em 1762, dando-se como lugar da publicação Paris, o que não era verdade, pois fôra impressa na Holanda (*a*).

Não descansou no seu empenho de injuriar e combater os médicos parisienses, apesar de o mais visado, SILVA, já ter morrido, e em 1748 publicou em Berlim *Ouvrage de Penelope ou Machiavel en Médicine*, com o pseudónimo de ALETHEIUS DEMETRIÚS, em dois volumes de 16×10 com XXXIV — 238 págs., e dois anos depois na mesma cidade *Supplément à L'Ouvrage de Penelope; Ou Machiavel en Médecine par* ALETHEIUS DEMETRIÚS. *Tome Troisième. A la fin duquel se trouve une Clé.* Tem o mesmo formato e 384 — III páginas.

As notas manuscritas do exemplar que possuo da *Politique du Medecin* referem que no meado de Setembro dêste ano LA METTRIE enviara de Berlim muitos exemplares desta obra aos seus amigos de Paris.

No ano posterior publicava na Haia *Histoire naturelle de l'ame* (in. 8) a primeira das suas obras em que aparecia como defensor convicto da filosofia materialista e sensualista, o que lhe valeu ser chamado por MAUPERTUIS (*b*) para a Alemanha, onde êste lhe garantia a protecção de FREDERICO da Prússia. Chegou a Berlim em Fevereiro de 1748, foi nomeado leitor do rei e membro provisório da Academia Real das Sciências. Ali se encontrou no convívio dos homens eminentes que FREDERICO reünira na sua côrte, entre os quais avultava VOLTAIRE, que lhe chamava o ateu do rei e que o achava divertido para o ouvir pouco tempo, mas que fàcilmente se cansava de o aturar e dêle dizia que Deus o livrasse de o ter por médico, pois seria capaz de lhe dar sublimado corrosivo em vez de ruibarbo e depois desatar a rir. LA METTRIE, em todo o caso, com VOLTAIRE e o célebre marquês d'ARGENS constituíam o grupo dos scépticos e dos materialistas e durante um certo tempo tiveram um sucesso bem

---

(*a*) *Manuel du Libraire,* de J. C. BRUNET, artigo LA METTRIE.

(*b*) PEDRO LUÍS MOREAU DE MAUPERTUIS, o célebre matemático francês, que foi um dos mais ilustres membros da Academia Real de Berlim.

retumbante na extravagante côrte de Sans-Souci, divertindo o rei e escandalizando o mundo.

Neste mesmo ano de 1748 saíu em Leyde *L'Homme-Machine*, (in. 12). Suponho que é da mesma data *Essais sur l'esprit et les beaux esprits*, que foi publicado em Amsterdam pelos irmãos Bernard (in. 12). Saíu anónima esta obra e os seus biógrafos não lha atribuem, mas na *Second Partie du Joli Recueil ou l'Histoire de la Querelle Littéraire* vem reproduzida com o nome de La Metrie (*sic*).

L'Homme-Machine foi a obra capital da parte filosófica da sua autoria e que consta de muitas memórias, reimpressas mais de uma vez, em Londres em 1751, outra em Berlim no mesmo ano, em 1771 e em 1774 e em Amsterdam também neste ano. Compreendem *L'Homme Plante*, *Les Animaux plus que Machines*, *Traité de la vie heureuse de Sénèque, avec l'anti Sénèque, ou Discours sur le même sujet*, *Reflexions sur l'origine des animaux*, *L'art de jouir*, *Vénus metaphysique, ou Essai sur l'origine de l'ame humaine*, *Épitre à mon Esprit ou L'Anonyme persiflé*, *Épitre à M.lle A. C. P. ou La Machine terrassée*, *La Volupté par Mr. le Chevalier de M*** Capitaine au régiment Dauphin.*

La Mettrie como filósofo materialista teve precursores em Portugal.

No meado do século xviii, algumas dezenas de anos antes do livro de La Mettrie, escreveu Manuel de Morais Soares:

«Não duvido que o homem e tambem a outra espécie d'animal são machinas aonde jogam mechanicamente as partes solidas, as fluidas e aereas...» (*Dissertação de Medecina Verdadeira*).

Na dissertação que Francisco José de Almeida defendeu em Leyde, *De Rachitide*, encontra-se uma proposição certamente inspirada pelo escrito do La Mettrie, afirmando que o corpo humano é uma máquina hidráulica.

La Mettrie tinha dedicado o opúsculo *L'Homme-Machine* ao médico Albert de Haller, professor em Goettingue, membro da Academia das Sciências, célebre botânico, anatómico e fisiologista e autor da teoria da irritabilidade, convicto calvinista, que podia ser considerado o protótipo dos mais sisudos sábios do seu tempo. Escandalizou-se com a dedicatória em que figurava como mestre e amigo do materialista e pândego La Mettrie.

Não foi para êste agradável o sabê-lo e agravou o seu caso escrevendo o *Petit Homme*, em que descreve várias funçanatas em que êle e Haller de companhia tinham feito sensualismo prático.

Foi o cúmulo. Haller no caminho da indignação queixou-se amargamente a Maupertuis, que presidia à Academia das Sciências, pedindo o castigo severo de La Mettrie. Mas quando isto foi, o faceto médico tinha apanhado uma indigestão de pastel de faisão, a que se seguiu uma febre que ràpidamente o mandou para o diabo, seu amigo, a 11 de Novembro de 1751. O grande farçante estava cansado do seu Mecenas, porque nos últimos tempos não fazia senão queixar-se da nostalgia da França, mas Frederico não lhe pagava na mesma moeda e tanto que celebrou a sua memória em cartas e num necrológio levado à Academia das Sciências.

Solovine (*a*) aprecia o seu papel como filósofo do modo seguinte:

«Defendeu nos seus escritos filosóficos a idea de que para conhecer as propriedades da alma se deve primeiro procurar as que se manifestam claramente nos corpos guiando-nos pelos sentidos, que La Mattrie chamava *os seus filósofos*. E partia do princípio assim enunciado; «quoique nous n'ayons aucune idée de l'essence de la matière, nous ne pouvons refuser notre consentement aux propriétés que nos sens y découvrent».

«Estabelece como elemento dominante nas funções psíquicas a imaginação que no poeta como no homem de sciência preside a todas as criações do espírito».

«Em vez de raciocinar sôbre abstracções, tem sempre em mira os factos concretos, estudando, a par das funções normais, as perturbações patológicas causadas pelas lesões orgânicas. E procedendo assim é um innovador neste campo de investigações, tratando pela primeira vez problemas até aí ignorados de psicologia, tais como a memória orgânica, as amnésias devidas aos traumatismos, as alucinações, as obsessões, as localizações cerebrais, a lei das sensações, da associação das ideas por contigüidade e a da especificidade dos órgãos dos sentidos».

Foi esta iniciação da filosofia materialista e do fenomenismo que causou escândalo no mundo filosófico e religioso e que sôbre êle atraíu numerosos e violentos ataques.

Teve uma enorme influência no curso das ideas na segunda metade do século xviii (*b*) e até lhe serviram para a sua fama e para a propaganda das suas ideas os ataques e injúrias, dos que, como Voltaire, Maupertuis, Diderot, Holbach, Grimm e Helvetius, combatiam com êle os erros e tendências da escolástica e do espiritualismo.

Segue a transcrição dos principais trechos das suas obras que constituem o libelo acusatório contra Silva e que são um modêlo no género:

«Mais quel est ce Médecin, qui fait entrer son carosse avec tant de bruit, jusqu'au fond des cours, qu'on soutient, lorqu'il descend, & qu'on porte en quelque manière jusqu'au au grand escalïer? C'est *la forest*. Les beaux chevaux! & avec quel art le cocher les fait piafer, & tourner plusieurs fois par ordre du Maitre; le bruit qu'ils font, annonce ce brilhant personnage, & ne l'empeche pas de s'arrêter à deux pas, pour parler d'affaires sérieuses avec un de ses confrères, ou du moins pour en paroitre occupé. Mais voilà une

---

(*a*) Reimpressão de *L'Homme-Machine*, já citada.

(*b*) A existência e o poder maléfico do novo filósofo não passaram despercebidos entre nós, porque numa consulta da Mesa Censória de 15 de Setembro de 1770 são citados entre os livros que devem ser proïbidos *L'Histoire naturelle de l'Ame*, *L'Homme-Machine* e o *Traité de la vie heureuse*, incluindo-os na lista das obras que deviam queimar-se.

femme de chambre qui passe, il s'interrompt pour aller audevant d'elle, & lui demander des nouvelles de sa *belle santé*. Que de *jolies* choses il lui dit? avec quel air riant, il la suit à perte de vue. Il revient enfin, & reprend le fil de la conversation par l'usage des souris d'amitié, & l'utilité des attentions, des politesses, & même des révérences. Faisons toujours, dit-il, un bon accueil aux femmes de chambre, elles nous le rendront bien à la toilette de leurs Maitresses.

«Il faut *semer les petits soins, & accorder la petite oye* à tout le monde, on en receuille tôt ou tard le fruit.

«Il faut vous peindre de vives couleurs ce *la Forest*, ainsi francisé dans une comédie de *Boissy*, qui, si je ne me trompe, dans une autre Piéce, a changé le nom d'*Esope*, en celui de *la Joie*, Médecin qui vient yvre sur le Théatre, comme celui-ci l'est quelquefois dans les coulisses. Il a déja été peint ailleurs sous le nom de *Jean de Gaddesden*, parce qu'en effet il ressemble beaucoup à ce grand Charlatan du XIII siècle, comme *Erosiatre* l'a été sous le nom de *Bayle*, autant que j'en puis juger. Il faut vous faire voir que *la Forest* est un autre homme que *Gaddesden*, & que si *Julien* a favorisé la cuisine moderne jusqu'à se faire un plaisir flatteur d'immortaliser son nom par celui des *Ragoûts*, *la Forest* a autant surpassé le Cuisinier François en pharmacie, que Fon(tenelle) & tous les singes de *Séneque*, ou plutôt de *Pline* le jeune, en bel esprit.

«*La Forest* étoit le vrai Médecin de l'imagination, & du goût, on plutôt du Palais, pour ôter tout équivoque, *Medicus ad Palatum*, comme porte le titre d'un livre fort rare. Si *Gaddesden* ne prescrivoit aux gens de qualité, & principalement aux Dames, que les remédes les plus precieux, les plus agréables, & tout ce qu'il y avoit de plus rare & de plus recherché, dont il doubloit toujours la doze pour les personnes riches, si cet empirique pour faire sa cour, semble donner dans les préjugés les plus à la mode, *la Forest* donnoit des conseils aussi singuliers, & qui ne plaisoient pas moins. L'un ordonnoit pour la paralysie des *peaux de Renard*, dont il enseignoit la préparation; le *Concon* pour l'Epilepsie; le *Spica-Nard* pour l'Hydropisie; le *sang de Belette*, la *fient de Pigeon*, & ce qu'il préfere à tout dans les cas désesperés, l'attouchement des mains Royales, pour les Ecroüelles; un ceinturon de *peau de Veaumarin*, dont la *boucle* fut faite *d'os de Baleine*, pour la colique; le *sang Dragon* pour le Cancer, enfin, (car je passe sur bien des conseils habilement superstitieux) s'il enveloppe tout le corps, dans la petite Vérole, d'un drap rouge, s'il veut que les rideaux du lit, des fenêtres, & tout l'ameublement soit rouge, affirmant son grand Dieu, que c'est le vrai secret de n'être jamais marqué; l'autre conseilloit les *peaux divines* pour la Paralysie; le *sachet d'Arnould* pour l'Apopléxie, à ceux qui y avoient foi sur les relations publiques, ou sur le témoignage payé de *l'Abbé des Fontaines;* de la *soie Cramoisie*, ou du *pourpre* dans un œuf, pour la petite Vérole, (si quelque femmellette prônoit cette vieille pratique connue de *Gaddesden*) ce qu'il accordoit volontiers, pourvû qu'on lui permit la saignée du pied. On trouve dans ses consultations imprimées, le *remede du frere Julien Augus-*

tin, qu'il préfère à tout, & comme une dernière ressource, dans l'Hydropisie. Il ordonnoit le *sang de Bouquetin* pour la Pleurisie; le *nid d'irondelle* autour du col, dans l'Esquinancie, la *decoction de poux*, dans la jaunisse; il n'a jamais prescrit de quinquina en écorce, depuis la découverte commode de Mr. *de la Garaye;* il eut fait venir de Rennes & de Bordeaux les freres Luces, Moines empiriques qui y sont en réputation; il eut envoyé aux eaux de *Bareges*, pour la pierre, sur la foi d'un de ses compatriotes, qu'il regardoit comme un Visionnaire; aux eaux de Baths, plutôt qu'à *Aix-la-Chapelle*, pour la fécondation: & comme *Gaddesden* se fut mis à la tête des *Inoculateurs*, selon le jugement de Freind, *la Forest* eut aussi volontiers changé avec le goût des François, si le plus bel espirit du siècle, trop partisan des Anglois, qui ont eux-mêmes abjuré leur systême, eut pû enhardir sa Nation, qui tout folle qu'elle est, ne l'a pas été assez pour l'en croire. Mais le zele du bon Citoyen excuse aisément un homme illustre qui ne sçait pas la Médecine.

«Les talens de *la Forest* ne se bornent pas-là. Il encourageoit les enfans à boire le *remede de Mademoiselle Stephens*, non seulement en leur donnant beaucoup de *bon-bons*, mais en leur faisant faire cette singuliere priere «Mon Dieu qui avez tant sué dans le Jardin des Olives, pour boire le Calice, je suis sur que vous n'auriez jamais avalé cette détestable boisson». A d'autres il avoüoit franchement qu'il falloit toujours enfin tailler ceux qui avoient déja été crucifiés par cette liqueur. Une jeune fille le consulte sur sa grande maigreur; il faut, disoit-il, recevoir la transpiration d'une personne saine & vigoureuse, d'un sexe different du vôtre; c'est ainsi, ajutoit'il, en faisant allusion à Sydenham, qu'on applique sur le ventre dans la Colique, des chiens, ou des chats ouverts vivans. Une autre avoit eu un instant de foiblesse qu'il falloit cacher, dont elle vouloit promptement arrêter les suites, où le poison l'eut vengée de la perte de son honneur; consolez-vous, ma chere enfant, disoit'il, en la prenant par dessous le menton, tenez, usez de cette recette, elle a rendu plus d'un service essentiel an beau sexe.

«*Gaddesden* apprenoit aux Dames la maniére de faire des *eaux de senteur*, des *pomades pour le teint, le lait Virginal* pour les rousseurs, &c. *La Forest* poussoit plus loin les doctes recherches, il sçavoit l'art de peindre les sourcils, les cils, de changer la couleur des cheveux, & enfin, ce qui est le plus grand objet de la galanterie, d'angustier le Diamétre de ces parties qui effarouchent les petits amours. Le moyen de n'être pas le Médecin & de l'Amant & de la Maitresse, quand on cherche aussi efficacement à augmenter leurs plaisirs!

«La Forest étoit le Médecin des Dames, non seulement pour la raison que je viens de dire, mais parce qu'il s'etudioit à faire passer en Médecine tout l'art de la cuisine moderne. Chez lui, les gens riches n'avoient à essuyer aucun de ces dégoûts, faits pour le petit bourgeois & pour les pauvres. Ses boissons étoient agréables, & même quelquefois délicieuses, ses purgatifs etoient au citron & à la fleur d'orange; jamais le *Seigneur Jupiter* n'a si bien *doré la pilule.* S'il eut été Médecin du Roi, il eut inventé une Médecine Royale.

«C'est ainsi que *La Forest* poussoit à l'excés des soins, trop négligez par ses Confréres.

«La Charlatanerie de son babil répondoit à tout cela «Madame, vous vous ennuyez de lait, votre gôut est usé pour tous les laits (& en cela *votre estomac est d'accord avec votre gôut*) un suc aussi doux, aussi fade, n'est pas digne de le réveiller, mais plutôt de l'endormir en quelque sorte, à force de l'emousser. D'ailleurs vous êtes *si bileuse*, que je ne suis pas surpris d'appercevoir deux ou trois grumeaux laités dans vos *Selles dorées*. Eh bien, Madame avez vous raison, il faut le quitter, nous y reviendrons toujours, quand la nature nous fera signe qu'elle le veut bien. Essayons la petite pointe d'opium, divine drogue qui nous a été envoyée du ciel pour l'Antidote de l'agacement des nerfs, & la *consolation* des visceres irrités. L'opium, vous échauffe-t-il, même dans le *Diacode*? Il faut se rabattre sur une autre espéce de syrop naturel, c'est le miel de *Narbonne* que *Madame de Sévigné* a bien raison de conseiller à sa fille, au lieu de sucre, dans son caffé, & qui est en effet un autre petit *Consolateur* à sa maniere, &c.» Car c'en est assez pour faire connoitre l'adresse avec laquelle cet empirique varioit tous les *pectoraux* & les *Antiphtysiques*, & qu'il n'est pas surprenant que les Poitrinaires allarmés par sa mort, n'ayent pas cru lui survivre six mois.

«Le même manége etoit tout aussi habilement employé, pour prévenir l'ennueyeuse uniformité de tous les autres genres de médimens, qu'il changeoit aussi legérement, que ses conversations.

«Des malades qui l'étoient si peu, n'avoient pas besoin d'un plus sçavant Médecin, & ils n'auroient pas trouvé la même gentilesse, ni les mêmes agrémens d'une imagination badine, dans l'esprit le plus *obligeamment distillé* de toute la Faculté. La maladie venoit-elle à augmenter considérablement? Un diseur de bons mots, souvent méchans (*a*) ne suffisoit plus, on lui associoit son confrere *Somnambule*, à qui, par déférence pour son experience & son ignorance, il laissoit juger les procés, & ne faisoit jàmais le *Physiologue* (*b*), lui qui avec tout le monde avoit la fureur de vouloir tout expliquer.

«J'avois dessein de parler du bel esprit de *la Forest*, mais cela me meneroit trop loin, & je le réserve pour une plus favorable ocasion. J'ai encore à peindre l'Auteur, l'Homme, & le Médecin galant. Le premier article sera court.

«Le principal ouvrage de ce Juif de race Portugaise, est son *Traité sur les differentes sortes de Saignées*, &c. Plusieurs Médecins & Chirurgiens connus, l'ayant mis en poudre, l'Auteur (qui ne devoit pas plus compromettre sa reputation, qu'un homme riche ne doit exposer sa vie, l'épée à la main) songea sérieusement à réparer

---

(*a*) En voici un. Dans la maladie de M. le D. ***, qui c'etoit une *Parotide*, un grand Prince lui demanda ce que c'etoit que son Confrere *Salé;* Monseigneur, répondit *la Forest*, c'est un Chirurgien, qui, parce qu'il a parfaitement attrapé quelques-unes de mes plus affreuses grimaces, se croit aussi grand Médecin, que Rpenusila».

(*b*) Cláudio José Geoffroy, célebre farmacêutico parisiense que viveu no século xviii e apresentou muitas memórias à Academia das Sciências.

son honneur cruellement flétri. C'est pourquoi il engagea *Bertin* (*a*) & *Clairant* (*b*), deux hommes excellens dans leur Sphére, à prouver, l'un par l'Anatomie, l'autre par la Géometrie, la vérité de sa doctrine sur la *révulsion* & la dérivation, & de quelques mesures mal prises sur certains vaisseaux. Mais malgré tant de travaux, dont j'ai quelquefois été témoin, & le coup d'œil de *la Forest* sur les résultas des épreuves, le loüangeur B*** (*c*) convient qu'on n'a rien trouvé à la morte de ce frivole Ecrivain, que des morceaux décousus qu'on n'a pû russembler. Je ne parle point de ses *Observations sur la petite Vérole,* on ne les trouve plus que chez l'Epicier, où elles font compagnie à celles *l'Erosiatre* (*d*), B*** a beau les faire réimprimer, il ne les tirera pas de l'éternel oubli, où est condamné tout livre, qui n'apprend rien de nouveau aux Sçavans. Je dois à plus forte raison *passer l'eponge,* suivant le langage de *Julien* (*e*), sur les Consultations *de la Forest,* qu'il n'a regardées sans doute lui-même, que comme des ouvrages lucratifs, ou des fripponneries Médicales, qui ne sont pas faites pour duper ceux qui se portent bien.

«Voilà l'Auteur, & voici l'Homme. On jugera de sa vanité par ce trait. Mr. de la M*** (*f*) qui étoit assez simple pour croire qu'on le lui témoignoit d'une maniere démonstrative, s'avisa de dédier à *la Forest* la traduction des *Institutions de Boerhaave,* dans l'espérance de s'en faire un appui ; il eut la politesse de lui lire sa dédicace, avant qu'elle fut portée chez l'Imprimeur. Que faisoit *La Forest,* tandis qu'on lui cassoit, pour ainsi dire, les dents à coups d'encensoir ? Il meditoit de plus grands éloges ; mais comme il n'osa pas faire lui-même son Panégyrique, en présence d'un homme qui s'en étoit chargé, il lui donna le tems de s'en retourner chez lui, où quelques heures après Mr. de la M*** trouva ce billet de la main de *la Forest*: «Vous avez oublié, Monsieur, que le Roi vient de me faire l'honneur de me donner ma noblesse, & que Mr. Boerhaave a fait réimprimer lui-même à Leyde mon *Traité des Saignées*. Complétez donc, je vous prie, mes qualités par le titre d'Ecuyer, & ne me privez pas du suffrage le plus flatteur. Au reste, Monsieur, on ne peut avoir plus d'esprit que vous en avez, & l'on verra bien que c'est votre pinceau, & non celui de la vérité, qui a fait mon portrait dans votre *jolie Dedicace*».

(*a*) Exupere José Bertin, famoso anatómico francês da primeira metade do século xviii.

(*b*) Alexis Cláudio Clairant, talentoso matemático que se tornou célebre principalmente pela *Theoria da Lua.*

(*c*) João Jacques Bruhier d'Ablaincourt, que reüniu as obras de Silva e deixou muitas traduções e livros originais.

(*d*) Helvetius.

(*e*) Chirac.

(*f*) Mr. de la M. *** devia ser La Mettrie, que por esta forma se designou noutros escritos. Vê-se por isto que êle procurava, lisonjeando Silva, conseguir a sua protecção. Adiante veremos que levou a cabo as suas tentativas de captação pelas louvaminhas, o que o não impediu de mais tarde reservar para o médico português o melhor do seu ódio e das suas injúrias e difamações.

«C'est ainsi que *la Forest* pour être flatté, étoit lui-même le plus vil des flatteurs. Homme vain, il ne donnoit point d'Eloges, on peut dire qu'il les prêtoit, à condition qu'on les lui rendroit au centuple: Homme faux, jusqu'au fond du cœur, on étoit toujours la dupe de toutes ses plus fortes protestations, & surtout les gens de mérite, qu'il voyoit d'un œil jaloux dans un avenir, qui étoit pour lui transparent: ainsi il étoit juste qu'ils fussent les prémiers trompés.

«Ce pauvre Hunault connoissoit tous les visages de ce cœur perfide; il me disoit quelquefois «*La Forest* vient de m'accabler d'amitiés & de caresses, je le crains d'autant plus dans les maisons où l'on dira du bien de moi». Heureux qui, comme Riboë, ne pouvoit être que son petit Copiste, ou son mauvais Singe, & dont le contraste avantageux devoit servir d'ombre & de lustre au brillant de son esprit! Le distributeur de la racine du Brésil (*a*) étoit cause de la Fortune de *la Forest*, mais celui-ci étoit trop fin pour servir d'habiles gens, qui auroient pû le supplanter, comme il avoit cherché à nuire lui-même à son propre Mécene, qu'il traitoit de Charlatan. La plupart des Médecins ressemblent à celui-ci; jeunes Docteurs ne comptez point sur les vieux, à moins que vous n'ayez l'avantage d'être sots (car sérieusement c'en est un).

«Tant d'adresse, de ruses, & de manége, étoient les surs garans de la fortune d'un aussi habile empirique. Aussi avoit-il gagné de grands biens, avant la mort de sa femme; mais comme la chrétienne aimoit à venger les maris, que le sien avoit *cocufiés* & qu'elle n'étoit pas faite pour ne pas payer tous les frais de la galanterie, elle ruina le Docteur par sa prodigalité, & le laissa presque sans un sol. *Dom cocuage* n'étoit pas un être, à faire peur à un homme de l'éducation, & du caractére de *la Forest*. Sans être Philosophe, il avoit du moins cette Philosophie commode, que donne l'usage du monde, & qui rend heureux dans le Sacrement, tout Epoux raisonnable. Mais tout ce que lui coutoient les plaisirs de Madame, lui mettoit le poignard dans le sein. Dans son desespoir, il s'abandonna aux réfléxions les plus amères, lorsque cette Maîtresse qui le ruinoit, sans être la sienne, vint à mourir. Ce seul évenement pouvoit le consoler de n'avoir pû succéder à Mr. Chirac, malgré les 100000 liv. promises à la Princesse de ***, & qui, comme le doüaire de sa femme, étoient fondées *sur les brouillards de la Seine*. «Je ne suis plus, disoit-il (*b*), Médecin du Roi, mais ma femme est morte, c'eut été trop de bonheur à la fois».

«Finissons par le protrait du Médecin Galant, il l'a été jusqu'à l'indécence & l'impureté.

«Ambroise Paré, ce fameux Chirurgien de plusieurs Rois, s'étend beaucoup sur la maniere de faire *une petite Créature de*

(*a*) Helvetius, que introduziu na prática em França o uso da ipecacuanha no tratamento da disenteria, curando o delfim e auferindo grandes lucros pela dádiva do rei e pela venda do remédio, que conservou secreto emquanto pôde.

(*b*) Il en reçut les complimens durant trois jours.

Dieu. ¿A quoi servent tant de discours & tant d'art, où il ne faut que faire sentir la nature? Tous les Ecrivains qui, comme *Venese*, ont embelli le *Tableau de l'Amour Conjugal*, & ont tout mis en œuvre pour attirer les Célibataires au septiéme Sacrement, par l'attrait du plaisir, tous ces voluptueux sont inutiles ici. D'un seul geste, d'un seul mot, *la Forest* enseignoit tout, Théorie & Pratique, aux filles, comme aux femmes. Il disoit aux femmes froides, avec *Madame de Sévigné*, dont il copioit toujours les phrases précieuses, ou ridicules «mais vraiment, Madame, il faut que vous ayez un tempérament de citröuilles fricassées dans de la Neige; ¿cela ne peut se concevoir, quoi, comment? ¿A votre âge, belle, & bienfaite comme vous êtes, est-il possible que vous ignoriez encore tout cela, & que votre petit doigt ne vous ai jamais rien dit? Tenez, grande innocente, laissez-moi vous montrer, c'est-là l'endroit sensible, & le siége du plaisir, il ne demande que le plus petit secours pour favoriser les vœux & les efforts, sans cela inutiles, d'un mari charmant qui vous adore. ¿*Petrie* par les mains de l'amour, dans le siécle galant on nous vivons, comment encore une fois vos sens sont-ils si engourdis, si muets à la voix du desir, que se fait entendre dans les plus jeunes filles, dès qu'elles sont nubiles? ¿pourquoi vos nerfs sont-ils si tardifs à ressentir les plaisirs que vous m'inspirez à moi-même, comme à tous ceux qui vous voyent?

«Combien de bonnes fortunes m'ont valu ces petites scénes de l'amour-Médecin» ajoutait ce vilain Juif, en faisant des grimaces qui ne devoient pas donner envie anx femmes, de lui en voir faire d'autres! Il les nommoit, avec toute l'indiscrétion d'un petit-maitre, sans respect, ni pour rang, ni pour dignités, & se vantoit des faveurs mêmes, qu'il n'avoit pas demandées. Telle étoit sa conversation favorite, que l'amour propre n'abrege pas pour l'ordinaire.

«Mais avec certains dehors, jusqu'à quel point un visage tourné au sérieux, & un esprit adroit & insinuant ne peut-il pas en imposer! *La Forest* n'avoit besoin que de sa propre confiance, pour tirer parti, ou plutôt pour abuser de sa profession «Une femme aimable, lui disoit-elle, mon Dieu, Monsieur, je ne sçais ce que je sens dans le bas ventre, au fond de la *partie* même, mais ce sont des mouvemens singuliers, de ma matrice sans doute, car alors il me monte quelque chose, je deviens rouge, tremblante, je suis dans des états...» La matrice, repondoit-il, est une espéce d'animal fort singulier, qui se remüe dans le Célibat, & encore plus dans le veuvage; il exprime ses desirs & ses besoins par certains mouvemens qu'on sent mieux, qu'on ne peut les définir; tel est son langage, muet d'abord, il se fait entendre peu à peu, & la matrice parle enfin à haute voix, si on ne lui répond rien. En tout cela, Madame, ce ne sont que ses propres droits, que la Nature revendique, & vous vous refusez vous-même, en ne lui accordant rien.

«Cette autre parle de démangeaisons, de petits boutons extérieurs, de fleurs blanches, qui l'écorchent, qui l'empêchent de marcher, & donnent une espéce de chaudepisse qui exige beaucoup pour sa guérison, puisqu'il faut que la femme se passe de son mari.

«Vous devinez le résultat de toutes ces consultations. Toute femme qui accusoit ces petits secrets de Nature, étoit sur le champ exposée aux regards avides du Docteur impur & lascif. Discours pleins de mollesse & de volupté, examen curieux, tact libertin, chatoüillemens impudiques, il ne faisoit aucunes graces dans le tête à tête; sa gravité les lui êut reprochées; à l'abri de ce mystére, on trouve tous les jours en Médecine des sentiers couverts, qui conduisent aux plus grandes faveurs.

«*La Forest* prétendoit que tout cela n'étoit que de petites privautés de l'art, par lesquelles on ne pouvoit déplaire aux femmes sensibles, mais qu'il falloit assaisonner le maniement de propos bien assortis, de complimens, de politesses, pour tout ce qu'on touchoit. «Il ne faut pas dire, racontoit-il un jour chez lui, je m'oriente (en mettant le doigt en certain endroit) comme ce vieux Paillard *Mr. Fagon*, mais il faut dire, j'en ai bien vû, mais je n'en ai jamais vû de si petit. Si ce n'est que le ventre que vous tâtez, ajoûtoit-il souvenez-vous de ne jamais le trouver mol; cela m'est une fois indiscretement arrivé, l'amant étoit caché dans la ruelle, je fus remercié le lendemain, la femme de chambre me fit connoitre mes torts, & depuis ce tems je me suis corrigé; je n'ai jamais dit, *le ventre est mol*, mais toujours, *le ventre est satisfaisant*. C'est qu'il est en effet, poursuivoit ce coquin de Médecin, de la politesse d'un homme par qui une jolie femme se fait patiner, de faire l'éloge de tout ce qu'il touche, ou du moins un petit compliment à la maniere du pays, comme *Sanctus Romanus*, cet Ex-Chirurgien chassé du Port-Louis, aujourd'hui Médicin empirique à Vannes, qui d'un seul coup de filet prit les tetons de troits devotes, sous pretexte de chercher le siége de la douleur; elles le laisserent faire tout à son aise, parce qu'il disoit sans cesse, morbleu qu'ils sont durs, je n'en ai jamais vû de cette fermeté.

«Tel est l'abus que *la Forest*, & tant d'autres Médecins impudiques, font de leur profession, en se servant indignement de la simplicité des malades, qui croyent nécessaires, des attouchemens dont plus souvent on peut se dispenser, & même on le doit, sur tout lorsqu'on est jeune, si ce n'est dans le besoin. Le beau sexe est respectable, on doit lui épargner jusqu'e la moindre inquiétude.

«Voilà le protrait de cet homme superficiel par rapport au vrai sçavoir, profondément versé dans l'empirisme, bel esprit précieux & ridicule, comme on le fera voir, cœur faux, & dont enfin le caractére forme un parfait contraste avec celui de *Julien*. Ils ont cependant joüé l'un & l'autre un grand rôle dans Paris, & la raison en est simple. L'art de plaire ou plutôt ce don de l'heureuse Nature, séduit les esprits, comme l'orgueil & tout ce qui leur en impose. Le peuple veut être trompé. & les Médecins reüssissent à le satisfaire pleinement par les moyens les plus opposés.

«Je ne sais si quelques-uns de ces portraits, seront trouvés dignes d'être un jour insérés dans la continuation de *l'Histoire de la Médecine*, non qu'on prétende qu'ils puissent se comparer avec ceux qui ont étés tracés pur des Historiens du mérite de *Freind*, ni servir à autre chose qu'à faire voir quel protée est l'empirisme

& sur quelle fertilité de moyens différens, sont fondés les succés dans tons les siécles: mais il est certain que la matiere est fort intéressante par elle même aux yeux d'un Philosophe, & principalment pour ceux qui voudront courir la méme carriere. Il n'y a sans doute que la maniere peu agréable, dont ce sujet aura été traité, qui puisse en diminuer le mérite».

Na *Ouvrage de Penelope*, apesar de SILVA já ter morrido, o seu ódio não desarma. *La Mettrie* reproduziu no primeiro volume os artigos em que pretendera retratar os principais médicos de Paris e lá vem o relativo a SILVA, como da primeira vez, em último lugar, mas ocupando o maior espaço.

No segundo volume, umas vezes designando-o por *la Forest*, outras por *Brillant* e, na maior parte dos casos, pelo seu verdadeiro apelido, cita-o muitas vezes, sempre para o depreciar, como se pode ver pelos seguintes trechos:

«SYLVA disoit en sollicitant pour les Medecins «je sollicite pour mes plus grands Ennemis, contre mes bons Amis les Chirurgiens (*a*).

. . . . . .

«Que SYLVA n'a-t-il pas dit de HUNAULD, parcequ'il le craignoit (*b*)?

. . . . . .

«Les auditeurs étonnés de l'éloquence de SYLVA, lui demandoient comment il pouvoit si bien parler *impromtu*, sur une Maladie qui n'avoit été examinée qu'en autant de minutes, qu'il y avoit de Medecins. Rien de plus facile, disoit-il, lors qu'on s'exerce: si je fais des singes, j'en suis un moi-même. Je travaille nuit & jour à copier tantôt ENGARD, aujourd'hui FINOT, demain nôtre Legislateur, nôtre Maître à tous, le grand CHIRAC. Ó heureux cent fois qui a la facilité de parler de DUCLOS & à la force des Poumons d'ASTRUC, peut joindre la solidité & la penétration de ce savant Homme (*c*).

«... n'oubliez aucun des remèdes consacrés par la Routine, afin que les ignorans vous rencontrant dans leur chemin, trouvent vos vues conformes aux leurs, & vous félicitent en conséquence sur votre perspicacité. Cette Politique n'échappait pas à SYLVA. Mr.*** avoit conseillé les eaux de Plombières à un Officier aux Gardes; il en parla à ce Docteur. Si c'est vous, lui dit-il, qui avez tiré ce coup de colier, je vous tiens pour le plus grand Medecin de Paris (*d*).

. . . . . .

«... ne manquez pas de donner des éloges à ceux qui ne peuvent vous nuire. SYLVA n'a jamais raté ces coups de Maître. En élevant BOYER, il ne pouvoit que gagner à la comparaison «c'est une ombre au tableau, qui lui donnoit du lustre (*e*).

. . . . . .

(*a*) *Ouvrage de Penelope*, tom. II, p. 2.
(*b*) *Ibidem*, p. 3.
(*c*) *Ibidem*, pp. 11 et 12.
(*d*) *Ibidem*, pp. 15 et 16.
(*e*) *Ibidem*, p. 21.

« . . . l'air riant avec lequel l'autre (SILVA) les (femmes des duchesses) saluoit du plus loin qu'il les apercevoit; l'attention qu'il avoit à rassurer les Domestiques avec bonté; à venir voir d'amitié le Maitre, lors même qu'il se portoit bien; à plaisanter, badiner avec les Enfans; à les baiser, sans oubler les petits complimens ordinaires: le joli Enfant! Qu'il est bien fait! qu'il a d'esprit! mon Dieu qu'il est bien élevé (*a*)!

. . . . . .

«Si les femmes vous pronent, votre fortune est faite. SYLVA doit la sienne à la Garde d'un Peintre nommé FONTAINE (*b*).

. . . . . .

« . . . il faut être (le médecin) aussi bien vêtu, que meublé. Laissez dire Hippocrate & clabauder Sangrado (Hecquet); & soyez, s'il se peut, aussi magnifique que SYLVA . . . (*c*).

. . . . . .

«Ecoutez . . . & paroissez vous interesser fortement; donnez des remèdes; variez-les sans cesse, comme vos propos, qui doivent être ici d'un ton jovial & divertissant. Moiennant quoi, vous aurez le départment des Vapeurs, qu'avoit SYLVA, difficile à remplacer (*d*).

. . . . . .

«Les gestes de SYLVA ont mérité le pinceau de Voltaire, dans son *Epitre sur la Modération* (*e*).

. . . . . .

«D'une mouche, faire un Elephant, c'est l'usage des gens d'imagination en conversant & des bons politiques en faisant la Médecine. C'étoit-là la methode de SYLVA. Il faut toujours comme il le pratiquoit, exagerer le danger de la maladie (*f*).

. . . . . .

«SYLVA avoit pour systême de rassurer les uns, en faisant trembler les autres; il disoit les choses les plus opposées, mais à differentes personnes. Il est vrai qu'il se souvenoit toujours parfaitement de ce qu'il avoit dit aux mêmes questionneurs, de sorte qu'il avait coutume de dire à ses amis: «Si j'ai tort avec *Gautier*, j'ai raison avec *Garguille*. Les évenemens les plus déplorables me servent, comme les plus heureux (*g*).

. . . . . .

«Combien de Malades qui son encore à venir, SYLVA ne nous a-t-il pas promis à Hunaud, à Bertin, à moi, & à tant d'autres (*h*)?

. . . . . .

(*a*) *Ouvrage de Penelope*, tom. II, pp. 31 e 32.
(*b*) *Ibidem*, p. 35.
(*c*) *Ibidem*, p. 43.
(*d*) *Ibidem*, p. 46.
(*e*) *Ibidem*, p. 56.
(*f*) *Ibidem*, p. 69.
(*g*) *Ibidem*, p. 79.
(*h*) *Ibidem*, p. 124.

«. . . soyez Hippocrite, fourbe, bas, rampant, comme un courtaut de boutique, charlatan, comme SYLVA . . . (*a*)».

Dois anos depois saíu o *Supplément à l'Ouvrage de Penelope* e o ódio a SILVA não esmorecera, mas, cousa curiosa, deixa de o designar pelo seu verdadeiro apelido e em geral serve-se do seu antigo pseudónimo (*b*). O grande clínico continua a ser o principal alvo das suas sátiras e maledicências que se estendem por muitas páginas, como vamos ver.

«*La Forêt* étoit si esclave du Bel Esprit, qu'il paraissoit suër de l'encre, pour ainsi dire, tant il faisoit de vains efforts, lors que son imagination stérile ne lui fournissoit rien de vif, rien de singulier, rien de saillant. Au lieu de cette contente & béate tranquilité, de cette satisfaction finement muëtte, que le rusé *Fontenelle* montra toujours à l'affut de l'Esprit le plus malheureux, l'impatience & le dépit étoient peints sur sa Physionomie Juive. Il faut avoüer, disoit-il, que je suis aujourd'hui presque aussi bête que mon Fils. J'ai beau, continuoit-il, battre le briquet de mon imagination & me tourmenter comme un possédé deplus plus de dix minutes; ouï, pendant tout cet espace de tems, le coira-t-on, rien ne m'est venu, pas la moindre étincelle, pas un seul mauvais bonmot & sur la plus grande & la plus belle maladie. Ensuite il se consoloit en disant «il n'y a que les sots qui aient tous les jours de l'esprit.

«Je ne conçois pas comment *la Forêt* pouvoit être si longtems muët & même sans faire briller son Néologisme. Voici le fond & comme le canevas sur le quel il brodoit. Excusez du peu, ce n'est là qu'un petit échantillon de ses Phrases favorites.

«Vous avez là une Maladie princesse, dont je connois le noyau.

«Votre Fièvre est dans tout son éclat.

«Votre pouls sort de lui-même, pour s'y replonger. Il est dardant, cahotant, & même tout-à-fait congédiant. Il se moqueroit de moi, si je revenois; il vise au Naturel; il frise la Nature &c.

«Les Fièvres malignes ont des allures cachées, allures imposantes, allures pleines de ruses d'artifice, qui par des dehors séduisans trompent les Médecins les plus aguerris; car de concert avec nos sens, elles se déguisent aux yeux de l'esprit, qui n'en pouvant percer le masque, en suit à la piste les traces équivoques & douteuses.

«La douleur est une espèce de reptile, elle se replie souvent sur elle-même à la manière des serpens.

«Voyez-vous ce petit homme embrionné?

«Voila des rêves incurables.

«Cette toux importune jusqu'aux Echos qui toussent avec elle.

«Ces crachats ont honte de se montrer, ils ne valent pas le Diable: ceux-ci sont moins suspects, ils nagent entre deux eaux.

«Cette toux est suspecte; cette saignée l'est aussi.

(*a*) *Ouvrage de Penelope*, tom. II, p. 173.
(*b*) Mas agora não escreve *la Forest*, mas sim *la Forêt*.

«Votre ventre fier & orgueilleux hier, est aujourd'hui humble & moû; le tact ne peut lui reprocher la moindre boufissure; il doit être satisfait parcequ'en effet ce Ventre est très satisfaisant.

«Vos selles sont des selles d'esperance, elles sont victorieuses, triomphantes, consolantes, *qualia oportet*, comme dit le Grand Hippocrate: dorées, comme vos nuits, elles sont dignes d'elles.

«Morphée choisit pour vous ses pavôts: vos songes sont couleur de rose.

«Vos idées ne se croisent plus.

«Votre esprit par ses écarts ne se refuse plus au corps.

«L'Harmonie de Leibnitz n'a plus rien à craindre des incartades de l'imagination.

«L'Estomac éprouve l'intempérance de son tirannique possesseur. Il est la victime du chagrin & la dupe de la joye.

«Il se delivre par d'utiles efforts des restes indigestes du repas précédent. Lors qu'il en fait d'impuisans, il faut l'émétiser, il faut détacher ce Régiment de glaires dont ses murs sont tapissés.

«La bile est effarouchée, ardente, en furie, caustique, vitriolique, ratissante, par rapport aux solides; coagulante, par rapport aux fluïdes. C'est elle qui applique aux matières cette couche de dorure, qui fait tant de plaisir aux connoisseurs: la verdure ne rejouït pas plus les Bergers au Printems.

«Si la bile ne vient pas, & qu'elle s'amuse trop dans le foye, ou que s'égarant, elle enfile la Veine Cave, alors il faut la mander, l'avertir de ses erreurs, lui faire dire par nos exprès (les remèdes) qu'on a une affaire de conséquence a vuider avec elle. Il faut inviter le Ventre à deposer, il faut le faire filer. Ensuite, une fois soulagé de le superfluïté de ses sucs, c'est à lui, (s'il est sage) de tenir un si parfait équilibre, que sa dépense soit exactement égale à sa recette. Quelquefois le ventre est trop enclin à obéir aux pointes mordicantes, d'un acide exalté; quelquefois il est obstiné, rebelle, quoiqu'assidûment sollicité par l'aiguillon des purgatifs.

«Dans l'agacement du Genre nerveux, il faut des remèdes consolateurs.

«Il faut réconcilier ce corps avec son ennemi; cet ennemi est le Sommeil. Cette réconciliation n'est pas aisée, dans un sujet tributaire de toutes les saisons, avec le quel il faut compter les bulles d'air renouvellé, mesurer les degrés de chaleur comme *** mesure les vents, & peser, pour ainsi dire, les Elémens dans la balance de l'Ether (*a*).

«... qu'il a-t-il en tout cela de plus singulier, que de trouver quelque chose do particulier dans l'urine de ceux qui ont souffert la Circonsïson: Observation de Sylva, qu'il n'avoit garde, lui qui avoit la Manie de tout expliquer, de ne pas attribuer aux douleurs de l'operation. Risum teneatis amici (*b*).

. . . . . .

(*a*) *Supplément à l'Ouvrage de Penelope*, pp. 7 et 11.
(*b*) *Ibidem*, p. 75.

«La Forêt ne quitta point l'amour, lorsque l'amour l'eut quitté. Ne pouvant plus être galant pour son propre compte, il l'étoit pour celui des Dames. Il donnoit à ses pratiques ce qu'il appelloit sa Médecine Gymnastique, Medecine d'amour qui consistoit dans une exercice facile à deviner. La Princesse avoit le Lundi, la Duchesse la Mardi, la Présidente le Mercredi, chacune selon son rang; tous les jours, toutes ses heures étoient prises & marquées, & il étoit exact. Il haranguoit les Récalcitrantes. Ainsi de la Nature, il ne soulageoit les délicates que périodiquement comme elles. Il prétendoit que sans remonter jusqu'au pêché originel, il suffisoit de penser à Christophe Colomb, pour être convaincu avec un homme d'esprit, que le moins qu' on peut prendre les uns les autres, c'est le mieux. Il s'excusoit ainsi sur les services essentiels, qu'il ne pouvoit rendre au Beau Sèxe, par la sureté des équivalens. Ensuite, comme il se donnoit pour Anatomiste, il vantoit à certain jeu l'habileté de ceux qui le font; il emploiyoit la raison & l'autorité pour séduire. Tantôt il citoit *Rivière*, tantôt *Machiavel*, tantôt notre ami *Jaques*, & une infinité d'autres aussi chastes Médecins, tels que Menjot, Astruc, Rénaume, Sangrado, Verheyen dont nous aurons occasion de parler. Ceci n'est point un conte fait à plaisir. Je pourrois nommer un Marechal de Camp qui en sait sur ce sujet beaucoup plus que je n'en dis, mais qu'il me suffise de renvoyer au prémier Portrait de la Forêt (*a*).

. . . . . .

«... être cocu c'est la corne d'abondance. La Foret n'est pas le seul qui ait rigoureusement suivi cette maxime (*b*).

«Chirac & Sylva pensérent éprouver la même recompense (être egorgés) de leur savoir, ou du moins de leur zéle, pour n'avoir pû sauver la vie aux Princesses de C. (Condé) & d'O. (Orleans). M.r le Prince de C. & M.r le D. (Duc) d'O. prirent leurs épées; & furieux, quand on leur annonça leurs femmes expirantes, il auroient certainement tué ces Docteurs, s'ils n'eussent vite pris la fuite (*c*).

. . . . . .

«Sylva, qui etoit sujet au cas (d'être appellé rien que par sa conversation et son esprit), & en étoit doublement digne, se divertissoit à son tour aux dépens de ceux qu'il avoit divertis. Pourvû que l'argent vienne, disoit-il, & *vogue la Galére;* il faut s'attendre a tout dans la vie» (*d*).

Note-se que La Mettrie no princípio da sua carreira, quando publicou o *Traité de la Petite Verole*-Paris, 1749, tinha uma opinião sôbre Silva muito lisonjeira, visto que se lhe referia nos seguintes termos:

«Il y a encore trois Auteurs qui ne sont point à négliger — c'est Mr. Helvetius, Mr. Sylva, & feu Mr. Boerhaave. Les deux premiers

---

(*a*) *Supplément à l'Ouvrage de Penelope*, pp. 94-96.
(*b*) *Ibidem*, p. 97.
(*c*) *Ibidem*, p. 275.
(*d*) *Ibidem*, p. 288.

ont enrichi la Médecine d'observations nouvelles, & en un mot ont perfectionné l'art du guérir cette maladie par une pratique plus hardie, & non moins justifiée par l'experience . . .

«Voilà donc trois Auteurs qui nous serviront de guides & de modéles; je n'en connois point de plus dignes d'être imités».

Apesar desta opinião, de ter solicitado o apoio de SILVA e de o ter lisonjeado em mais do que uma ocasião, não teve dúvida de contra a razão e a justiça o acusar e difamar, como se viu.

Na sua carta a M^me^ DINIS, de 14 de Novembro de 1751 (LA METTRIE morreu no dia 11), assim conta VOLTAIRE a sua morte:

«Milord Tyrconnel (*a*) envoie prier La Mettrie de venir le voir pour le guérir ou pour l'amuser. Le roi a bien de la peine à lacher son lecteur, qui le fait rire, et avec qu'il joue. La Mettrie part, arrive chez son malade dans le temp que Madame Tyrconnel se met à table; il mange et boit, et parle, et rit plus que tous les convives; quand il en a jusqu'au menton, on apporte un pâté d'aigle déguisé en faisan, qu'on avoit envoyé du Nord, bien farci de mauvais lard, de hachis de porc, et de gingembre; mon homme mange tout le pâté, et meurt le lendemain chez Milord Tyrconnel, assisté de deux médecins dont il s'étoit moqué».

Tinha pedido a lord TYRCONNEL que o mandasse enterrar no seu jardim, mas levaram-no para a igreja católica.

*

JOÃO BAPTISTA SILVA a 19 de Agosto de 1742 (*b*), com 62 anos de idade, morreu de uma esquinência, como se dizia naquela época.

Conforme o convite impresso para o seu entêrro que existe nas *Pièces originelles*, n.º 2705 da Biblioteca Nacional de Paris, SILVA morreu no Hotel de Condé, rua des Fossez, habitação do príncipe de CONDÉ, sendo o seu cadáver transportado com grande pompa a 20 de Agosto de 1742, às 10 horas da manhã, para a igreja de S. Sulpício, sua freguesia.

Por sua morte o rei manifestou a intenção de ir pouco a pouco extinguindo os cargos de médico consultante e para isso não queria prover a sua vaga, mas LA PEYRONIE acabou por conseguir substituir SILVA, sendo nomeado a 22 de Setembro de 1762, pela petição

---

(*a*) Embaixador da França em Berlim, cliente de LA METTRIE, que passava por ter-lhe salvo a vida.

(*b*) No *Dictionnaire Historique et Bibliographique* de LADVOCAT, Paris, 1822, e na gravura do seu retrato por TARDIEU indica-se a data da sua morte a 18 e não a 19 de Agosto.

do cardeal de FLEURY e pela aquiescência de CHICOYNEAU, o primeiro médico do rei.

SILVA teve dois filhos, um rapaz e uma menina. Aquele, chamado Adriano Clemente Silva, nascera em 2 de Setembro de 1719, teve a mercê régia de sobreviver na pensão que ficara a sua mãe, foi nomeado em 15 de Julho de 1740 membro do Grande Conselho, maitre des requêtes em 12 de Março de 1745, membro da Academia das Sciências e Letras de Bordéus a 14 de Janeiro de 1742. Casou com Maria Coüet, filha de Pedro Miguel d'Haubonne, secretário do rei, e de Teresa Antoinete de Bony. Morreu a 19 de Agosto de 1742 (*a*).

A filha também se colocou bem, pois casou com Francisco Renard de Roussiac, recebedor geral das Finanças em Limoges. Na alta posição que os filhos tiveram se reflectiu o grande valimento do pai.

*

Vejamos agora a opinião dos seus contemporâneos sôbre o médico português.

DIDEROT, cujo alto espírito tinha tantas afinidades e simpatias com a medicina (*b*), o amigo de BORDEU e de BOERHAAVE, sobrinho, no seu artigo *Sur les femmes* cita casos de histeria e de manifestações mórbidas da menopausa, que foram colhidos na prática de SILVA.

O duque de Luynes escreveu a respeito da sua morte (*c*):

«É uma grande perda para toda a cidade de Paris e para muitas pessoas que tinham confiança nêle. SILVA tinha muito espírito, muita sciência e muita experiência, a sua conversação era muito divertida e era quási tam procurada como as suas receitas. Quando a doença não era grave tinha a grande habilidade de contentar os doentes que gostavam de ser medicados, mesmo quando isso não era necessário, convencendo-os de que lhes dava remédios».

VOLTAIRE inclui SILVA na lista dos escritores mencionados no seu *Siècle de Louis XIV* e diz que

«... c'était un de ces medecins que MOLIÉRE n'eut pu ni osé rendre ridicule».

Cita-o também a par de HELVETIUS e VERNAGE no seu *Second discours sur l'homme*.

(*a*) *Dossiers Bleus* já citados. Devo parte destas informações ao favor do meu velho amigo e colega JOÃO DE MELO VIANA que em Paris ha muito exerce a clínica, sem descurar a literatura, de que é um apreciado cultor.

(*b*) *Diderot médecin* em *Les Jardins de la Médecine* de Helme e *Diderot et la Médecine* por P. H. Tribouillet — Paris, 1921.

(*c*) *Mémoires* du duc de Luynes, citadas por DELAUNAY em *Le Monde Médical Parisien au dix-huitième siècle*, p. 226.

Enviando-lhe o seu retrato VOLTAIRE escreveu nêle estes versos

«Silva, qui de la mort est le maitre comme eux (les Dieux)
Mérite comme eux nos hommages.
Esculape nouveau, nos jours sont tes bienfaits;
Et tu vois ton ouvrage en revoyant mes traits.

«Esculape François, recevez cet hommage
De votre frère en Apollon;
Ce Dieu vous a laissé son plus bel héritage;
Tous les dons de l'esprit et ceux de la raison»;

No quarto discurso *Sur la Modération* a êle se refere:

«Malade et dans un lit de douleurs accablé
Par l'éloquent Silva vous êtes consolé:
Il sçait l'art de guérir autant que l'art de plaire.
Demandez à Silva, par quel secret mystére,
Ce pain, cet aliment, dans mon corps digeré;
Se transforme en un lait doucement préparé?
Comment toujours filtré dans ses routes certaines;
En longs ruisseaux de pourpre, il court enfler mes veines;
A mon corps languissant rend un pouvoir nouveau,
Fait palpiter mon cœur, et penser mon cerveau?
Il leve au ciel les yeux, il s'incline, il s'écrie:
Demandez-le à ce Dieu qui vous donna la vie» (*a*).

O Dr. CARMOLY, falando dos judeus célebres de França, escreveu (*b*):

«Le dix-huitième siècle vit briller le célèbre Silva, médecin de la Faculté de Paris, . . .».

*

A iconografia de JOÃO BAPTISTA SILVA é muito extensa.

No vestiário da Faculdade de Medicina de Paris existe um seu retrato a óleo, pintado dois anos antes da sua morte por JACINTO RIGAUD (*c*).

Foi êste retrato gravado por PIQUET, conforme a estampa que vai junta. A gravura reproduz a seguinte quadra de M. DAQUIN:

«Il charmoit les espirits par ses traits eloquens,
Et portoit dans ses mains les trésors de la vie.
Admiré du public et recherché des grands
Il se rendit célèbre et terrassa l'envie».

(*a*) VOLTAIRE depois de 1768, corrigindo os seus versos, eliminou esta parte em que com os seus louvores pagava ao seu médico, que tendo deixado de existir a êsse tempo, não precisava ser aclamado. É a sorte dos clínicos, serem esquecidos depois da sua morte pelos que mais lhes devem.

Veja-se também *Notice des Hommes les plus célebres de la Faculté de Médecine en l'Université de Paris, depuis 1110 jusqu'en 1750* par JACQUES ALBERT HAZON — Paris, 1778.

(*b*) *Biographie des Israélites de France* — Francfort, 1868, p. 10.

(*c*) *Commentaires de la Faculté de Médecine de Paris* — Paris, 1903.

E encimada pela seguinte legenda:

«*Jean Baptiste Silva, Ecuyer Docteur en médicine de la Faculté de Montpellier, Docteur Regent de la Faculté en l'Université de Paris, Médecin consultant du Roy et de S. A. S. Monsig.r le Prince de Condé. Né à Bordeaux le 13 Janvier 1682. Decedé à Paris le 19 Aout 1742*».

Há outra gravura do mesmo retrato anónima, com a indicação de que êste foi pintado em 1840. Foi editada em casa de PETIT, Rua de S. Jacques, ao pé dos Mathurins.

Há mais uma gravura em metal de $200^{mm} \times 134^{mm}$, por AMBRÓSIO TARDIEU.

Outra de $198^{mm} \times 133^{mm}$, desenhada e gravada pelo mesmo. Traz a data da morte em 18 de Agosto.

Outra também em metal de $147^{mm} \times 90^{mm}$, por I. M. B. A legenda é *Johann Baptista Silva Doctor regens Facultat. Med. Parisiensis. Archiater Regius.*

Outra de $505^{mm} \times 364^{mm}$ é uma belíssima gravura feita por F. SCHMIDT, gravador do rei, em 1742. Tem a legenda *Jean Baptiste Silva, Ecuyer, Docteur Régent de la Faculté de Médecine en l'Université de Paris, Médecin Consultant du Roy Et ordinaire de S. A. S. Mg.r le Prince de Condé*».

Estas gravuras têm sido reproduzidas muitas vezes em jornais literários e médicos.

O quadro original foi ùltimamente reproduzido a côres no número de Dezembro de 1927, do *Chanteclair*.